

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Rodrigo Catto de Cardia

“JEAN MARIE, O BRASIL VAI ATÉ O CHUÍ”: FUTEBOL E IDENTIDADE
“GAÚCHA” NAS PÁGINAS DA *FOLHA ESPORTIVA* (1967-1972)

Porto Alegre

2009

RODRIGO CATTO DE CARDIA

“JEAN MARIE, O BRASIL VAI ATÉ O CHUÍ”: FUTEBOL E IDENTIDADE
“GAÚCHA” NAS PÁGINAS DA *FOLHA ESPORTIVA* (1967-1972)

Monografia apresentada ao Departamento de História da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial
para obtenção do grau de Bacharel em História.

Orientador: Prof. Dr. Cesar Augusto Barcellos Guazzelli

Porto Alegre

2009

Sumário

Resumo	4
Introdução	5
1. Imprensa empresarial: a aparente neutralidade	9
2. Futebol, civilização e identidade coletiva	14
2.1. <i>Futebol no Brasil: a difusão descentralizada</i>	16
2.2. <i>Política nacionalista no Brasil e o uso do futebol</i>	19
3. As especificidades do “futebol gaúcho”	27
3.1. <i>“Estilo gaúcho” versus “estilo brasileiro”</i>	33
4. O futebol “gaúcho” nas páginas da <i>Folha Esportiva</i> (1967-1972)	37
4.1. <i>O “Robertão” e a “Torcida Gre-Nal” (1967-1968)</i>	37
4.2. <i>Everaldo, “o nosso tricampeão” (1970)</i>	49
4.3. <i>“Jean-Marie, o Brasil vai até o Chuí”. A crise da Taça Independência (1972)</i>	53
4.4. <i>A manutenção de uma identidade periférica</i>	62
Conclusão	68
Relação de fontes utilizadas	72
Referências bibliográficas	73
Anexos	75

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar a construção pela imprensa de uma “identidade gaúcha” no Rio Grande do Sul através do futebol, no período de 1967 a 1972. Para tal, foram utilizados dois jornais da Empresa Jornalística Caldas Júnior: *Folha da Tarde Esportiva* (que circulou até novembro de 1969) e *Folha da Manhã*, que entrou em circulação incorporando a “Esportiva”, que se tornou um caderno com o nome de “Folha Esportiva” e mantendo os mesmos colunistas.

Para a pesquisa, foram selecionados três eventos específicos. O primeiro, foram as duas primeiras participações de Grêmio e Internacional no Torneio Roberto Gomes Pedrosa (até 1966 restrito a clubes de São Paulo e Rio de Janeiro) nos anos de 1967 e 1968; o segundo foi a conquista da Copa do Mundo de 1970 pela Seleção Brasileira e o destaque dado a Everaldo, lateral do Grêmio e titular da Seleção; e o terceiro foi o episódio da não convocação do mesmo jogador, Everaldo, para disputar a Taça Independência em 1972, torneio comemorativo ao sesquicentenário da independência do Brasil.

Foi observado que nos três momentos, a *Folha da Tarde Esportiva* – depois, *Folha Esportiva* – ressaltava a necessidade de “afirmação nacional” do futebol do Rio Grande do Sul. Mesmo que os clubes riograndenses não tivessem obtido o mesmo sucesso que os de Minas Gerais – considerado um Estado “equivalente” ao Rio Grande do Sul, por não pertencer ao chamado “centro”, ou seja, Rio de Janeiro e São Paulo – o “futebol gaúcho” já tivera uma grande conquista internacional, com a conquista do Campeonato Pan-Americano de 1956 no México por uma “Seleção Gaúcha”, representando o Brasil. Mesmo com os bons resultados iniciais de Grêmio e Internacional no Torneio Roberto Gomes Pedrosa – com o segundo obtendo dois vice-campeonatos nas duas primeiras participações – manteve-se presente nas opiniões dos colunistas a idéia de que o Estado era marginalizado, uma idéia que é parte da identidade riograndense, “periférica”. O que explica o destaque maior dado a Everaldo do que a Pelé, após a conquista da Copa do Mundo de 1970. E também as exaltadas opiniões que se verificaram quando Everaldo não foi convocado para a Seleção Brasileira para disputar a Taça Independência em 1972.

Palavras-chave: futebol; imprensa; identidade; centro; periferia.

Introdução

São correntes no Rio Grande do Sul as queixas quanto a “prejuízos” aos seus clubes de futebol, tanto nas disputas contra clubes de outros Estados como nas convocações para a Seleção Brasileira. Tanto por erros de arbitragem, como pela imagem de “jogo violento” que por vezes é atribuída aos clubes do Rio Grande do Sul, o que limitaria a presença de atletas riograndenses na Seleção.

No passado, o “prejuízo” ao futebol do Estado era a geografia. No momento em que o futebol chegou ao Brasil, o país vivia seu período mais descentralizado em termos políticos (República Velha, 1889-1930). Oficialmente se diz que o futebol no Brasil se iniciou com a chegada de Charles Miller a São Paulo, em 1894; porém, não se difundiu dali para todo o país. O futebol no Rio Grande do Sul começou e se desenvolveu independentemente de São Paulo ou Rio de Janeiro. Introduzido a partir do principal porto, Rio Grande, em 1900, iniciou dali sua difusão para o restante do Estado. A longa distância em relação aos principais centros do país fez com que os clubes do Rio Grande do Sul jogassem mais entre si ou contra adversários argentinos e uruguaios (devido à proximidade geográfica) do que contra clubes de São Paulo ou Rio de Janeiro.

O fato do Brasil não ser politicamente centralizado – diferentemente de Uruguai e Argentina – dificultou a criação de um campeonato nacional de clubes, já que em cada importante centro havia equipes fortes. E consideradas as dimensões do país, eram enormes as dificuldades em se empreender confrontos regulares entre clubes de, por exemplo, São Paulo e Salvador, no início do século XX. Ou seja: era o mesmo motivo que impedia a maior integração dos “gaúchos” ao “cenário nacional”.

A criação de um campeonato sul-americano que reuniria campeões nacionais (a Taça Libertadores da América) tornou necessária a criação de um torneio nacional, para indicar o representante do Brasil na competição continental. Já havia um torneio interestadual, o Roberto Gomes Pedrosa (conhecido como “Rio-São Paulo”), disputado desde 1955, mas que não era visto como “nacional”. Assim, em 1959 surgiu a Taça Brasil, que reunia campeões de todos os Estados, e que foi disputada até 1968, sem nenhuma conquista dos “gaúchos”.

Em 1966, após a eliminação da Seleção Brasileira na primeira fase da Copa do Mundo disputada na Inglaterra, a imprensa começou a falar em “crise no futebol brasileiro”. E uma das “soluções” apresentadas para a “crise” era a criação de um

verdadeiro campeonato nacional de clubes, já que a Taça Brasil tinha uma fórmula semelhante à atual Copa do Brasil.

Surgiu a idéia de se ampliar o Torneio Roberto Gomes Pedrosa a clubes de outros Estados. Inicialmente a idéia era contar com a participação dos dois principais clubes de Minas Gerais, Atlético e Cruzeiro (que em 1966 conquistou a Taça Brasil obtendo grandes rendas nas partidas disputadas no principal estádio de Belo Horizonte, o “Mineirão”). Porém, foram incluídos também os dois principais clubes do Rio Grande do Sul (Grêmio e Internacional) e um do Paraná (Ferroviário) na primeira edição do “Robertão” (como ficou conhecido popularmente o torneio), em 1967.

Confirmada a participação de Grêmio e Internacional, o jornal *Folha da Tarde Esportiva* enfatizou que seus torcedores “precisavam se unir em nome do progresso do futebol gaúcho”. Assim, no “Robertão” de 1967 ocorreu o fenômeno da “Torcida Gre-Nal”. Os dois clubes mandavam seus jogos no Estádio Olímpico, do Grêmio, já que o Inter ainda não tinha um estádio em condições de sediar jogos com grandes públicos – o Beira-Rio ficaria pronto apenas em 1969. Foi adotado o sistema de “caixa único”¹: assim, a parte da renda de cada jogo destinada ao mandante era dividida entre Grêmio e Inter – ou seja, o gremista que fosse a um jogo do Inter, não deixaria de estar ajudando financeiramente o Grêmio. Disputando a maioria de seus jogos em casa, os dois clubes fizeram ótima campanha, e esta aparentemente se refletiu em um maior número de “gaúchos” convocados para a Seleção Brasileira, em junho de 1967, sinal de que o Rio Grande do Sul não teria mais seu futebol “desconsiderado pelo centro do país”.

Após o torneio “nacional”, os dois clubes voltaram à rivalidade rotineira, ao ponto de, no último clássico Gre-Nal do ano, o presidente do Internacional, Rafael Strougo, agredir com socos e pontapés o seu colega gremista, Rudy Armin Petry² – vale lembrar que durante o “Robertão”, os dois dirigentes trataram-se de forma extremamente cordial. A “união” se repetiria, embora com menos intensidade, em 1968, apesar do estímulo da *Folha da Tarde Esportiva*. Já em 1969, mesmo que ainda houvesse queixas quanto à “marginalização dos gaúchos”, não houve apoio mútuo entre gremistas e colorados, visto que os dois clubes já contavam com seus estádios próprios.

Desde 1964, o Brasil vivia uma ditadura militar, o que restringia o debate político na imprensa e, na prática, impedia contestações à ordem vigente. E o futebol não ficaria

¹ NORONHA, Nico; COIMBRA, David. *A História dos Grenais*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994, p. 116.

² Idem, *ibidem*, p. 117.

livre das influências dos militares: em 1970 o regime se utilizaria politicamente da conquista da Copa do Mundo do México pela Seleção Brasileira, de modo a aumentar sua popularidade – o que, de fato, aconteceu. O então presidente, general Emílio Garrastazu Médici, apaixonado por futebol, posara para uma foto ao lado de Pelé após o retorno dos jogadores campeões. Ao mesmo tempo, a repressão contra todos os grupos que se opunham à ditadura intensificava-se.

A Seleção campeã de 1970 contou com o lateral-esquerdo Everaldo, do Grêmio – clube do qual Médici era torcedor. O jogador iniciou o Mundial como titular, mas foi substituído no último jogo da primeira fase, contra a Romênia, lesionado. Não jogou contra o Peru, nas quartas-de-final, e, recuperado, retomou a titularidade na semifinal contra o Uruguai, e novamente foi titular na decisão da Copa, contra a Itália, vencida pelo Brasil pelo placar de 4 a 1. A Seleção “conquistava o mundo”, e o Rio Grande do Sul fazia parte dessa grande vitória, com Everaldo no time – que foi transformado em “herói do tri” pela *Folha Esportiva*, mesmo que seu desempenho não tenha sido nada de extraordinário, ainda mais em uma equipe que contava com craques como Jairzinho, Rivelino, Tostão e Pelé.

Após o Mundial, Everaldo foi titular da Seleção Brasileira em todas as partidas disputadas até 26 de abril de 1972 – a última, um amistoso contra o Paraguai em Porto Alegre. Conforme as palavras de Guazzelli, “Os pampas estavam em paz!”³: embora Everaldo fosse o único “gaúcho” na Seleção – enquanto Minas Gerais, considerada equivalente em termos futebolísticos, contava com mais atletas – não havia reclamação generalizada contra os critérios de convocação.

O esporte continuaria a servir à campanha ufanista da ditadura mesmo após a Copa do Mundo. Em 1971, foi criado um campeonato nacional de clubes, mas em um modelo diferente do “Robertão”: enquanto o último reunia equipes de poucos Estados, o nacional “oficial” contava com clubes da maior parte das unidades federativas, com o propósito de favorecer a “integração nacional”. A primeira edição foi vencida pelo Atlético Mineiro, resultando em mais uma conquista a nível nacional para Minas Gerais – que assim aumentava sua vantagem sobre o Rio Grande do Sul.

No ano de 1972 o Brasil organizou um torneio comemorativo aos 150 anos de sua independência política, a “Taça Independência”, que ficou conhecido como “Minicopa” por reunir seleções de vários continentes – apesar das ausências das importantes

³ GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. 500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: a construção da “província de chuteiras”. In: *Anos 90*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000, n. 13, p. 35.

representações da Alemanha Ocidental, Inglaterra e Itália, devido ao caráter claramente político da competição. A “Minicopa” visava fortalecer a candidatura do presidente da CBD, João Havelange, à presidência da FIFA⁴, além de passar uma boa imagem do Brasil ao mundo: inauguravam-se novos estádios em várias partes do país, e o torneio os apresentaria para mostrar o quanto o Brasil se desenvolvia, “se tornava uma potência”.

A Seleção Brasileira convocada pelo técnico Mário Zagalo para a disputa da “Minicopa” não contou com Everaldo. Foi o suficiente para gerar uma “crise”, e a idéia da “marginalização do Rio Grande do Sul” voltou a fazer sentido – independentemente da fase não tão boa vivida pelo jogador.

Foi marcada uma partida entre a Seleção Brasileira que se preparava para a “Minicopa” e uma Seleção “Gaúcha”, formada por jogadores de Grêmio e Internacional – que não eram necessariamente riograndenses. Partida para a qual foi criado um “clima de guerra”. Seria, simbolicamente, o desafio do “desprezado” Rio Grande do Sul contra um país inteiro, apesar de que as reclamações quanto às escolhas do técnico Mário Zagalo não se restringiram ao Rio Grande e, principalmente, de o então Presidente da República, com poderes ditatoriais, ser riograndense – o que não se traduzia em reais benefícios ao Estado, relegado a segundo plano na política e na economia nacional, e agora também no futebol.

Com o esvaziamento da arena política, devido à repressão e à censura à imprensa, tornara-se praticamente impossível fazer críticas aos governantes do país e ao “Brasil de fantasia”, forte e unido, construído pela propaganda oficial. Porém, no âmbito do futebol se tinha certa liberdade de manifestação.

Com o futebol sendo utilizado pelo governo militar para aumentar sua popularidade (a idéia de que a Seleção Brasileira representava a “pátria de chuteiras” era amplamente explorada pelo regime, fazendo opositores chegarem ao ponto de torcerem contra o Brasil na Copa de 1970), ele também se transformou em espaço para uma demonstração de descontentamento contra este “símbolo da nação” – tanto nos estádios como na imprensa, principalmente, por esta sofrer censura – de modo a demonstrar que o Brasil mostrado na propaganda do governo não correspondia à realidade.

⁴ Ver: AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2002, p. 162-163.

1. Imprensa empresarial: a aparente neutralidade

Em sua obra “Sobre a televisão”, Pierre Bourdieu discorre não apenas sobre a própria televisão, mas também sobre a imprensa como um todo. Em um trecho, fala sobre o jornal francês *Le Monde*:

Pode-se dizer que, no universo do jornalismo escrito, *Le Monde* ditava a lei. Havia já um campo, com a oposição, estabelecida por todos os historiadores do jornalismo, entre os jornais que dão *news*, notícias, variedades, e os jornais que dão *views*, pontos de vista, análises etc.; entre os jornais de grande tiragem, como o *France Soir*, e os jornais de tiragem relativamente mais restrita mas dotados de uma autoridade semi-oficial. *Le Monde* estava bem situado sob os dois aspectos: era suficientemente grande por sua tiragem para ser um poder do ponto de vista dos anunciantes e suficientemente dotado de capital simbólico para ser uma autoridade. Acumulava os dois fatores do poder nesse campo.⁵

O que Bourdieu afirma sobre *Le Monde* pode, de certa forma, ser aplicado a outros jornais, fora da França. Em geral, têm grande tiragem e considerável influência na vida social de onde circulam com regularidade.

No Brasil, ao final do século XIX, os jornais pequenos e de caráter claramente opinativo começavam a desaparecer, diante do crescimento dos periódicos “independentes”. Com a sofisticação da tecnologia de imprensa, tornava-se muito caro manter um jornal, ainda mais em uma época na qual a maioria da população brasileira era composta por analfabetos – o que tornava extremamente restrito o público leitor de um jornal. Como afirma Nelson Werneck Sodré, “a história da imprensa é a história do desenvolvimento da sociedade capitalista”⁶: os jornais deixavam de ser apenas veículos de comunicação e tornavam-se empresas que visavam ao lucro – econômico e também simbólico (credibilidade). Como o lucro econômico não seria possível com a simples venda dos jornais, visto que o público leitor no Brasil era muito pequeno, a solução foi a venda de espaços publicitários, o que trouxe benefícios não só às empresas de comunicação, como também às companhias que anunciavam seus produtos junto às notícias lidas pelos consumidores em potencial.

O mercado para este novo tipo de jornal, conhecido como “grande imprensa”, era formado pelas elites e classes médias da sociedade brasileira, visto que entre as camadas mais pobres o analfabetismo era predominante. Assim, os jornais publicavam obviamente as notícias que interessavam aos setores mais abastados – dentre os quais encontramos os proprietários das empresas de comunicação.

⁵ BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997, p. 60-61.

⁶ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, p. 1.

Ou seja: tanto os jornais partidários como os “apartidários” publicavam as notícias que interessavam a seus donos. No caso dos últimos, o problema que se apresenta é: o veículo se apresenta como imparcial, mas invariavelmente tem o mesmo alinhamento ideológico de seu proprietário, que não é claramente perceptível em sua primeira leitura. Assim, um periódico “isento” e de grande circulação não é um mero informativo: acaba adquirindo o papel de “formador de opinião” – a dita “opinião pública”, que de acordo com Jean Jacques Becker, pode muito bem ser “fabricada”⁷, e para Bourdieu, “não existe”⁸.

Porém, tal entidade chamada “opinião pública”, exista ou não, é utilizada pela grande imprensa para justificar o viés dado a cada acontecimento, a cada notícia. Conforme Bourdieu,

Sabe-se que as relações de força nunca se reduzem a relações de força: todo exercício de força é acompanhado por um discurso que visa legitimar a força de quem a exerce; pode-se mesmo dizer que é próprio de toda relação de forças dissimular-se como relação de força e de só ter toda sua força na medida que ela se dissimula como tal. Em suma, para falar simplesmente, o homem político é aquele que diz: “Deus está conosco”. O equivalente de “Deus está conosco” é, hoje em dia, “a opinião pública está conosco”.⁹

Tal binômio “jornal – opinião pública” nada mais é do que uma relação de poder: o periódico se guia por essa “opinião pública”, que representa o “pensamento geral da população”, fazendo com que um grande número de pessoas reconheça no jornal uma autoridade em matéria de informação. Assim, o dito poder das empresas de comunicação se enquadra no conceito de “poder simbólico” de Bourdieu: “o poder simbólico é, com efeito, este poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”¹⁰.

Dessa forma, determinados acontecimentos só se tornam “reais” se noticiados por um jornal que seja uma “autoridade”. Popularmente, é a expressão utilizada por muito tempo em Porto Alegre em relação ao *Correio do Povo*: “se deu no Correio, é verdade”.

A especificidade do discurso de autoridade (curso, sermão etc.) reside no fato de que não basta que ele seja *compreendido* (em alguns casos, ele pode inclusive não ser compreendido sem perder seu poder), é preciso que ele seja *reconhecido* enquanto tal para que possa exercer seu efeito próprio. Tal *reconhecimento* (fazendo-se ou não acompanhar pela compreensão) somente tem lugar como se fora algo evidente sob determinadas condições, as mesmas que definem o uso legítimo: tal uso deve ser pronunciado pela pessoa autorizada a fazê-lo, o detentor do cetro (*skeptron*), conhecido e reconhecido pela sua habilidade e também apto a produzir essa classe particular de discursos, seja sacerdote, professor, poeta etc.; deve ser pronunciado numa situação legítima, ou seja, perante receptores legítimos (não se pode ler um

⁷ Ver: BECKER, Jean Jacques. A opinião pública. In: REMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 192.

⁸ BOURDIEU, Pierre. A opinião pública não existe. In: THIOLENT, Michel. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo: Editora Polis, 1982.

⁹ Idem, *ibidem*, p. 140.

¹⁰ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 7-8.

poema dadaísta numa reunião do conselho de ministros), devendo enfim ser enunciado nas formas (sintáticas, fonéticas etc.) legítimas.¹¹

Tal “realidade”, contudo, faz ainda mais sentido se compartilhada por muito mais pessoas, mesmo que desconhecidas. Segundo Benedict Anderson, o jornal é um importante elemento constitutivo de comunidades imaginadas, e por isso mesmo, de nações, de acordo com os conceitos do próprio Anderson:

o leitor do jornal, ao ver réplicas idênticas sendo distribuídas no metrô, no barbeiro ou no bairro em que mora, reassegura-se constantemente das raízes visíveis do mundo imaginado na vida cotidiana. Como em *Noli me Tangere*, a ficção se infiltra contínua e silenciosa na realidade, criando aquela admirável confiança da comunidade no anonimato que constitui a marca registrada das nações modernas.¹²

Quem lê o jornal sabe que milhares – ou milhões – de pessoas, em vários lugares, lêem uma edição igual, sabem dos mesmos fatos, que são, supostamente, os que interessam a todos. Mesmo que não tenham nenhuma ligação verdadeira entre si (por exemplo, a queda da Bolsa de Valores e as chuvas em partes do país), o que os “une” é a data (impressa no cabeçalho da página do jornal) e a relação do jornal com o mercado – que neste caso, é a população letrada de uma determinada área, que deseja se manter informada. Tal mercado muitas vezes pode ser uma pequena comunidade, mas em certos casos é um Estado (caso do *Correio do Povo* no Rio Grande do Sul) e mesmo um país inteiro – em que se pode citar o exemplo dos principais jornais paulistas, *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*, que embora vinculados a São Paulo inclusive nos nomes, têm considerável influência sobre a vida nacional.

No caso do Rio Grande do Sul, a liderança em termos estaduais, por muitos anos, coube ao *Correio do Povo*. Fundado por Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior em 1º de outubro de 1895, no contexto do surgimento da imprensa empresarial no Brasil, o *Correio* representou uma inovação em termos de imprensa em Porto Alegre: o jornal apresentava-se como “politicamente neutro”, à diferença de seus concorrentes *A Federação* e *A Reforma*, que eram abertamente partidários. O primeiro pertencia ao Partido Republicano Riograndense (PRR), e o segundo ao Partido Republicano Federal (PRF), que recém haviam se enfrentado em uma violenta guerra civil, a chamada Revolução Federalista.

O *Correio do Povo*, ao se apresentar como independente dos partidos, buscava passar a imagem de um jornal comprometido com a verdade, não com interesses políticos.

¹¹ BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Linguísticas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996, p. 91.

¹² ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 68-69.

Esta decantada neutralidade, no entanto, sucumbe ao estabelecermos uma análise apenas um pouco mais acurada. Na verdade, os elementos que comporiam seu êxito diante dos concorrentes na transição para o século XX seriam outros: o constante investimento em melhorias técnicas; a constituição de um espaço para a expressão dos intelectuais gaúchos; bem como a adequação do jornal, desde o instante de sua fundação, à nova fase da imprensa brasileira que se implantava a partir daquele momento.¹³

Porém, a alegada neutralidade acabaria por transformar o *Correio do Povo* em uma “autoridade” do campo jornalístico no Rio Grande do Sul, de modo aos leitores acreditarem que as notícias lidas nas páginas do jornal eram “a verdade”, diferentemente dos jornais partidários, cujas informações eram comprometidas com os interesses destes.

O *Correio do Povo* é editado pela Companhia Jornalística Caldas Júnior, empresa que posteriormente à criação de seu primeiro jornal, lançaria outros periódicos. Em 1936, surgiria a *Folha da Tarde*, em formato tablóide, o que representava uma inovação em Porto Alegre, já que o *Correio do Povo* era publicado em formato standard. A *Folha da Tarde* criaria o hábito dos porto-alegrenses comprarem o jornal vespertino, mantendo-se assim bem informados durante todo o dia.

Refletindo a importância cada vez maior do futebol e do esporte em geral na vida cotidiana de Porto Alegre, a *Folha da Tarde* daria em suas páginas mais espaço aos esportes do que tinha no *Correio do Povo*. Em abril de 1937, surgiu a *Folha da Tarde Esportiva* como suplemento da *Folha da Tarde*, circulando às segundas-feiras.

Em setembro de 1949, a *Folha da Tarde Esportiva* tornou-se um jornal diário, circulando dessa forma até maio de 1964, quando se tornou semanal, sendo publicado apenas às segundas-feiras. Em julho de 1967, voltou à circulação diária. Em novembro de 1969, foi integrado com o nome “Folha Esportiva” ao novo tablóide da Caldas Júnior, a *Folha da Manhã* (que circularia até março de 1980).

A “Esportiva” contava com um bom número de repórteres e colunistas, que não se limitavam à simples cobertura do futebol – embora este contasse com pelo menos metade das páginas do jornal. Havia matérias sobre as partidas em si, mas também específicas a respeito de alguns jogadores, seu cotidiano em Porto Alegre etc. Os demais esportes contavam com um bom espaço, considerada a sua popularidade, que não tinha como ser comparada à do futebol. Até 1969, a “Esportiva” também dedicava algumas páginas a acontecimentos “extra-esportivos”, de modo a que o leitor que optasse pela *Folha da Tarde Esportiva* ao invés da *Folha da Tarde* convencional não ficasse a parte do que acontecia no âmbito local, nacional e internacional para além dos esportes.

¹³ FRAGA, Gerson Wasen. *Branços e Vermelhos: A Guerra Civil Espanhola através das páginas do jornal Correio do Povo (1936-1939)*. Porto Alegre: UFRGS/IFCH, 2004, p. 16. Dissertação de mestrado.

Conforme veremos no capítulo 4, a “Esportiva” teria fundamental importância nos acontecimentos esportivos dentre 1967 e 1972 no Rio Grande do Sul, estimulando a união entre as torcidas de Grêmio e Internacional quando da realização do Torneio Roberto Gomes Pedrosa em 1967 e 1968, na transformação do lateral esquerdo gremista Everaldo em “herói do tricampeonato”, e principalmente, na mobilização da torcida para o jogo entre a “Seleção Gaúcha” e a Seleção Brasileira, em junho de 1972.

2. Futebol, civilização e identidade coletiva

Elias e Dunning¹⁴ demonstram como o desenvolvimento do esporte como passatempo das elites na Inglaterra esteve ligado à progressiva “parlamentarização” da política. Isso correspondia a “respeitar as regras estabelecidas”, em que os vencedores reconheceriam os direitos dos vencidos, e estes não contestariam a vitória de seus adversários: todo o grupo político no governo tinha de se dispor a “transferir de bom grado as funções governamentais a seus oponentes sem recorrer à violência se assim exigiam as regras do jogo parlamentar”¹⁵.

O esporte serviria de certa forma como “válvula de escape” da violência não mais aplicada à política. Tomemos o futebol como exemplo, que se utiliza de termos militares como “ataque”, “chute”¹⁶, “capitão”, “artilheiro”, “estratégia”, “tática” etc. O técnico, “professor” para alguns jogadores no Brasil, também é conhecido por “comandante”.

Porém, o esporte também precisava de regras a serem seguidas por todos os seus praticantes – tal qual a política parlamentar – para que, por exemplo, os jogadores de futebol de uma determinada região obedecessem às mesmas normas que regiam o jogo em outra localidade. E, fundamentalmente, era preciso aceitar a derrota no esporte da mesma forma que na política, sem apelar à violência contra os vencedores. Assim, mais do que passatempo elitista, o esporte regrado transformou-se em “símbolo de civilização”.

E era justamente isto, “civilização”, que alegadamente pretendia levar a todo o mundo a Inglaterra com sua expansão imperialista. O que influenciou não apenas suas colônias, mas também países não-industrializados, dependentes economicamente. Caso da América do Sul: era inglesa a maioria das empresas estrangeiras que faziam investimentos e construíam estradas de ferro no subcontinente. Boa parte dos navios que circulavam pelos oceanos – e atracavam nos portos marítimos sul-americanos – também era inglesa. Não por acaso, as cidades portuárias foram os pontos de entrada do futebol – e de outros esportes de origem inglesa – na América do Sul. Antes de chegar ao Brasil o esporte se difundiu primeiro na Argentina e no Uruguai, a partir de Buenos Aires e Montevideu respectivamente, que além de capitais eram os principais portos de ambos os países.

¹⁴ ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. *Deporte y Ocio en el Proceso de la Civilización*. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1992.

¹⁵ Tradução do espanhol: “traspasar de buen grado las funciones gubernamentales a sus oponentes sin recurrir a la violencia si así lo exigían las reglas del juego parlamentario”. Idem, ibidem, p. 41.

¹⁶ O termo é um neologismo originado do inglês *shot*, que significa “tiro”.

Dentre os diversos esportes difundidos pela expansão imperialista inglesa, o futebol foi o que mais se popularizou, e também o mais utilizado para a construção de uma identidade nacional. A facilidade de praticá-lo é um dos motivos: requeria apenas uma área relativamente plana e uma bola, sem necessidade de equipamentos mais caros – como os requeridos, por exemplo, pelo remo. Em relação ao Brasil, Roberto DaMatta afirma que é através do futebol que os brasileiros podem viver a “experiência da igualdade e da justiça social”¹⁷, que lhes é negada no dia-a-dia. Afinal, trata-se de uma disputa na qual – em tese – vence quem tiver mais mérito, e não aquele que conta com “amigos influentes” ou tem mais poder econômico.

Também pesou para a importância do futebol como símbolo de identidade nacional o fato de ser um esporte coletivo. Afinal, tratava-se de um jogo em que a vitória não era de um jogador, e sim de uma equipe. A individualidade não poderia ser posta acima do interesse do grupo: representava assim a idéia de que o cidadão deveria estar pronto a defender sua nação, deixando em segundo plano seus desejos individuais.

Ou seja: fazia mais sentido representar desportivamente a nação através de um esporte coletivo e popular, do que por um individual, no qual dois praticantes do mesmo país poderiam acabar se enfrentando mesmo em uma competição internacional.

O que fez do esporte um meio único, em eficácia, para inculcar sentimentos nacionalistas, de todo modo só para homens, foi a facilidade com que até mesmo os menores indivíduos políticos ou públicos podiam se identificar com a nação, simbolizada por jovens que se destacavam no que praticamente todo homem quer, ou uma vez na vida terá querido: ser bom naquilo que faz. A imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação.¹⁸

E tornara-se bem mais atraente “lutar pela pátria” metaforicamente, através de uma “representação de guerra”, do que num confronto militar propriamente dito: além do futebol não resultar em inúmeras mortes, a Primeira Guerra Mundial fez com que a guerra deixasse de ser idealizada e passasse a ser rejeitada em muitos países (embora a Europa “civilizada” ainda fosse viver mais um conflito de proporções catastróficas, a Segunda Guerra Mundial). Assim, rivalidades que antes se expressavam nas armas, seriam transplantadas ao futebol. E a idéia da “nação em campo” aparece com mais clareza nos torneios entre seleções, como a Copa do Mundo, em que a concepção de nacionalidade como “lugar de nascimento” é fundamental para definir se um jogador pode integrar a

¹⁷ DAMATTA, Roberto. *A bola corre mais que os homens*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006, p. 164.

¹⁸ HOBSBAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 171.

equipe nacional – embora tal concepção venha tendo cada vez menos importância em diversos países, principalmente europeus, que contam com jogadores naturalizados em suas equipes nacionais de futebol.

Porém, mesmo que os clubes não sejam “representações nacionais”, eles têm um significado coletivo. Como diz Arlei Sander Damo, “torcer por um clube de futebol é participar ativamente da vida social, construindo identidades que extrapolam o indivíduo, a casa e a família”¹⁹. É o futebol que pode tornar público diversos conflitos sociais, que talvez não tivessem oportunidade de serem expressos em outros ambientes que não no estádio de futebol. Antagonismos de classe, étnicos e/ou regionais, “mascarados” no cotidiano, podem revelar-se nas disputas entre clubes que representem as classes, etnias e/ou regiões antagônicas entre si.

2.1. *Futebol no Brasil: a difusão descentralizada*

A memória de seu Dennis Lawson localiza no tempo os detalhes empíricos das primeiras partidas de futebol realizadas em Rio Grande. Elas evidenciam uma diversidade geográfica na fase de emergência do futebol brasileiro que se não foi esquecida, pelo menos é pouco lembrada. A maior parte da imprensa brasileira ao longo deste século mostrou-se muito empenhada em personalizar a história enaltecendo a pessoa de Charles Müller (*sic*) como aquele que não apenas trouxe o futebol para cá, mas também o implementou, deixando no ar uma espécie de dívida histórica do tipo “se não fosse por ele o futebol não seria jogado no Brasil”. Sinal de uma personalização da história, essa tendência acabou por relegar a um plano secundário todas aquelas experiências de futebol contemporâneas ao próprio Charles Müller, que, sem um único pai, pipocavam em diversas cidades brasileiras.²⁰

No Brasil, o processo de difusão do futebol se deu de forma diferente de Argentina e Uruguai. O momento em que o esporte chegou ao país ajuda a explicar as razões que fizeram o futebol brasileiro desenvolver-se paralelamente em diversas regiões, e não a partir de apenas um centro, como nos países vizinhos.

Enquanto Argentina e Uruguai já tinham suas economias centralizadas em torno de suas capitais – e principais portos – no final do Século XIX, no Brasil havia mais de uma região forte economicamente, e com portos marítimos. Além da capital Rio de Janeiro, havia também o porto de Santos, que ajudava a impulsionar a economia do Estado de São Paulo, baseada na produção de café. E os Estados de Minas Gerais e Rio Grande do Sul – que contava com um porto marítimo, Rio Grande – eram também economias importantes.

Isso se refletiu na política brasileira do período conhecido como República Velha (1889-1930), em que o Brasil viveu seu período mais descentralizado, com ampla

¹⁹ DAMO, Arlei Sander. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, p. 12.

²⁰ RIGO, Luiz Carlos. *Memórias de um futebol de fronteira*. Pelotas: Editora da UFPel, 2004, p. 56-57.

autonomia dos Estados e muito poder das oligarquias estaduais. Não haviam partidos fortes a nível nacional, os mais expressivos eram estaduais: Partido Republicano Paulista (PRP) e Partido Republicano Mineiro (PRM), representantes de dois dos três Estados mais fortes economicamente. A terceira força do Brasil era o Rio Grande do Sul, cujo partido principal era o Partido Republicano Riograndense (PRR).

As oligarquias de São Paulo e Minas Gerais, para preservarem o poder a nível nacional, mantinham um acordo para que seus representantes se revezassem na presidência da República: um presidente paulista era sucedido por um mineiro, que era sucedido por um paulista, e assim por diante. A única oportunidade de representantes de outros setores da sociedade – ou de oligarquias de outros Estados – chegarem à presidência era quando o acordo, que era frágil, se rompia. Foi o que aconteceu em 1910, quando o Marechal Hermes da Fonseca foi eleito presidente representando o Exército; e também em 1919, quando o ex-governador da Paraíba Epitácio Pessoa chegou à presidência.

Refletindo a situação político-econômica, o futebol no Brasil desenvolveu-se de forma regionalizada, com campeonatos distintos em cada Estado, sem uma competição de clubes em nível nacional, como já acontecia na Argentina e no Uruguai no início do Século XX – embora com predomínio de clubes das capitais. Além disso, as grandes dimensões do Brasil eram um empecilho à realização de um campeonato nacional, dada a infra-estrutura de transportes na época: mesmo um campeonato estadual – caso do Rio Grande do Sul – era dividido em regiões devido à dificuldade de deslocamento entre as diversas cidades.

O ano de 1894 marca o início da “história oficial” do futebol no Brasil, com a chegada de Charles Miller, que regressou da Inglaterra trazendo o esporte ao país. Desde então, a partir de São Paulo e Rio de Janeiro, o futebol teria começado a se difundir para todo o Brasil.

A maneira como o futebol foi apropriado em São Paulo e no Rio de Janeiro – as principais cidades brasileiras à época em que este esporte foi trazido ao Brasil – serviu como referência a núcleos urbanos de menor porte.²¹

Porém, não se pode dizer com absoluta certeza que não houve nenhuma partida de futebol no Brasil antes da chegada de Charles Miller, assim como não se pode afirmar que a difusão tenha se dado unicamente do centro (eixo Rio-São Paulo) para a periferia. Pois como mostra Eduardo Galeano – embora de forma metafórica –, o futebol era praticado por marinheiros ingleses onde fosse possível.

²¹ DAMO, Arlei Sander. Excertos de história social do futebol gaúcho e sua especificidade em relação ao Brasil. In: *Verso & Reverso*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, jan.-jun. 2002, n. 34, p. 79.

Ao lado do manicômio, num terreno baldio de Buenos Aires, uns moços louros estavam chutando uma bola.

- *Quem são?* – perguntou um menino.

- *Loucos* – informou-lhe o pai. – *Ingleses malucos.*²²

Conhecido e praticado na Argentina e no Uruguai antes de chegar ao Brasil, provavelmente o futebol já fosse jogado próximo à fronteira meridional brasileira tanto antes da chegada de Charles Miller ao Brasil, quanto da fundação do Sport Club Rio Grande, em 19 de julho de 1900, data considerada como início oficial da difusão do futebol no Rio Grande do Sul. Não por acaso, nas cidades do sul do Estado o esporte desenvolveu-se antes mesmo da capital – e sem relação com o centro do país.

Quem está familiarizado com a bibliografia sobre a invenção dos esportes modernos e a subsequente diáspora, quer seja da Inglaterra para os demais países europeus, da Europa para os outros continentes e dos principais núcleos urbanos para as respectivas periferias tende a pensar numa regra segundo a qual a disseminação do futebol se deu a partir dos centros urbanos industrializados. Todavia, se essa é a regra, ela não se aplica ao Rio Grande do Sul, onde o futebol começou a ser irradiado a partir da cidade portuária de Rio Grande e se disseminou pela fronteira meridional antes de chegar à capital. Até 1903, o futebol era completamente desconhecido dos porto-alegrenses, apesar da diversidade da oferta esportiva existente na cidade.²³

A partir de excursões do Sport Club Rio Grande pelo Rio Grande do Sul, o futebol se difundiria pelo Estado – conforme já foi dito, primeiro pela fronteira meridional, antes de chegar à capital – com o surgimento de novos clubes destinados à prática do futebol.

Porém, tanto no caso do Rio Grande do Sul – do qual trataremos no capítulo 3 – como em outros Estados, por várias décadas os clubes se limitariam a disputar regularmente apenas títulos citadinos e estaduais, quadro que não se alteraria até o início da década de 1950. As razões seriam as mesmas do início do século: as grandes dimensões do Brasil e a precária infra-estrutura de transportes impediam a realização com regularidade de campeonatos que contassem com clubes de vários Estados brasileiros.

O primeiro passo na direção de uma competição interestadual se deu a partir da criação do Torneio Rio-São Paulo, reunindo os principais clubes paulistas e cariocas – posteriormente o certame receberia o nome de Roberto Gomes Pedrosa, em homenagem a um dirigente da Federação Paulista de Futebol. Realizado pela primeira vez em 1933, sob estímulo do governo de Getúlio Vargas, o Rio-São Paulo passaria a ser disputado regularmente a partir de 1950. Mas a existência do Rio-São Paulo não acabou com os campeonatos dos dois Estados. E a competição interestadual não adquiriu status de “campeonato nacional”, embora reunisse o que era considerada a “elite” do futebol

²² GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM, 2002, p. 31.

²³ DAMO, Arlei Sander. Op. Cit., p. 80.

brasileiro. Mesmo os clubes de Minas Gerais, tão próximos do eixo Rio-São Paulo, permaneceram à parte do processo.

A primeira competição interestadual a ser disputada regularmente foi a Taça Brasil, criada pela CBD em 1959. Reunindo os campeões estaduais, indicaria o representante brasileiro na Taça Libertadores da América, competição sul-americana que começaria a ser disputada em 1960. Não era um campeonato nacional, e sim uma copa. E, além disso, todos os Estados teriam, em tese²⁴, o mesmo peso.

Daí o fato de, com a ampliação do Torneio Roberto Gomes Pedrosa a clubes de fora do eixo Rio-São Paulo, a Taça Brasil perder importância a ponto de acabar extinta. A última edição, de 1968, sequer indicou clubes para a disputa da Taça Libertadores da América, visto que só terminaria em outubro de 1969. Clubes de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e outros Estados sentiam-se mais interessados em disputar o “Rio-São Paulo ampliado”, que ficaria popularmente conhecido como “Robertão”: como ser convidado para o torneio significava o reconhecimento por parte da “elite” do futebol nacional, a simples participação no “Robertão” já bastava para dar prestígio nacional a um clube.

Mesmo após o início de disputas nacionais com regularidades, os campeonatos estaduais continuaram a ser disputados, inclusive pelos “grandes clubes”, visto que as disputas locais contribuem para atualizar as rivalidades construídas ao longo do século XX. Apenas na década de 2000 viriam a perder espaço – embora sem serem extintos.

2.2. *Política nacionalista no Brasil e o uso do futebol*

Somente a partir de 1930 se passaria a pensar em um “projeto nacional” no Brasil, a partir da chegada de Getúlio Vargas ao poder, após a chamada Revolução de 1930: governador do Rio Grande do Sul e com apoio das oligarquias mineiras (que haviam entrado em desacordo com seus pares de São Paulo devido à escolha do paulista Júlio Prestes para suceder Washington Luís – nascido no Estado do Rio de Janeiro mas que representava os interesses de São Paulo), Getúlio Vargas perdeu a eleição – embora com acusações de fraudes que teriam beneficiado Júlio Prestes – mas venceu por força das armas, após o assassinato de João Pessoa, candidato a vice-presidente de Vargas.

²⁴ Apenas em tese, pois nem todos os clubes disputavam o torneio desde as fases iniciais. Em mais de uma edição, representantes de São Paulo ou da cidade da Guanabara – Estado que correspondia ao atual município do Rio de Janeiro – ingressaram na competição apenas na fase semifinal. Ver: *RSSSF Brasil*. História da Copa do Brasil. Disponível em: <<http://www.chancedegol.com.br/rsssfbrazil/tables/brcuphst.htm>>, acesso em 30 de novembro de 2009.

A mudança política após a Revolução de 1930 foi sentida também no futebol. Vargas percebeu a popularidade do esporte, e como isso poderia lhe beneficiar.

Uma das primeiras medidas tomadas foi no sentido de “pacificar” as relações futebolísticas entre São Paulo e Rio de Janeiro, cuja rivalidade já prejudicava consideravelmente a Seleção Brasileira na disputa da primeira Copa do Mundo, no Uruguai, poucos meses antes da Revolução de 1930: devido ao desentendimento entre a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), comandada por cariocas, e a Associação Paulista de Esportes Atlético (APEA), o Brasil foi representado na prática por uma Seleção “carioca” que fracassou no Uruguai. “Com o desastre consumado, torcedores paulistas chegaram a comemorar o resultado, o que simbolizava o fracasso da organização carioca”²⁵. Após o retorno da Seleção, as tensões entre paulistas e cariocas se acirraram, com ambos acusando-se de traição à pátria.

Getúlio Vargas procurou promover a aproximação entre paulistas e cariocas idealizando, em 1933, o Torneio Rio-São Paulo – que passaria a ser disputado com regularidade a partir de 1950. Era uma maneira de também agradar aos paulistas, após a revolta armada de 1932 que ficaria conhecida como Revolução Constitucionalista – embora derrotados militarmente, em termos políticos houve uma vitória paulista, visto que o presidente convocou uma Assembléia Nacional Constituinte.

Vargas também decidiu promover a profissionalização do futebol, acabando com o “profissionalismo marrom” que imperava até então. Já em relação à Seleção, o presidente não poupou esforços para vincular sua imagem à do time.

Na verdade, os esforços governamentais foram ainda mais longe, uma vez que se percebera o quanto o futebol era um importante instrumento para moldar a visão que o brasileiro tinha de si próprio. Nos anos seguintes, Getúlio Vargas tornou-se um dos patronos da seleção brasileira, enquanto sua filha, Alzira Vargas, seria transformada em madrinha dos jogadores. Uma das primeiras manifestações desta interação entre líder e esporte ocorreu em dezembro de 1932, quando a seleção brasileira foi recebida com festa após uma jornada de vitórias no Uruguai, onde disputou a Copa Rio Branco, um importante contraponto em relação ao que havia ocorrido dois anos antes. Desfilando em carro aberto, os jogadores foram acolhidos por milhares de entusiastas na capital. Passando pelo Palácio do Catete, lá estava Getúlio Vargas, ainda Chefe do Governo Provisório, a saudar o *scracht* com a mão estendida, um gesto que os brasileiros – querendo ou não – ainda veriam muitas vezes.²⁶

Em 1938, a idéia de que o futebol representava a “criatividade do brasileiro” já fazia parte da propaganda oficial do governo – ditatorial desde novembro de 1937, com a proclamação do Estado Novo.

²⁵ AGOSTINO, Gilberto. Op. Cit., p. 141.

²⁶ Idem, ibidem, p. 142.

A presença de negros na seleção era apresentada como símbolo da democracia racial, idéia que ganhava projeção nos anos de 1930 a partir das teses de Gilberto Freyre. Este, autor de uma série de trabalhos sobre identidade nacional e desporto, afirmava que um dos trunfos da seleção brasileira era exatamente a mestiçagem, conferindo aos brasileiros um estilo de jogo de todo original.²⁷

Antes desprezada, a mestiçagem passava a ser exaltada, tornando-se símbolo de identidade nacional: afinal, era “tipicamente brasileira”. Se antes o governo não desejava negros na Seleção devido à “necessidade de preservar a imagem do Brasil”²⁸ agora o país não estaria realmente representado se os negros não integrassem o time que representava a “nação brasileira” em formação.

Houve assim um maior empenho governamental em torno da equipe que disputaria a Copa do Mundo de 1938, na França: era preciso promover uma imagem positiva do país – e de Vargas – no exterior, além de contribuir para o aumento da popularidade do regime. A Seleção foi derrotada na semifinal contra a Itália, e o resultado foi atribuído a “roubo” da arbitragem, causando clima de comoção nacional. Mesmo derrotado, o time foi recebido como se tivesse sido campeão.

Se o esporte era encarado como símbolo da nacionalidade e também de civilização, como já foi dito, organizar um evento esportivo era visto de forma idêntica. Daí o Brasil ter se candidatado à sede da Copa do Mundo de futebol:

(...) esperava-se que através de tal competição o Brasil demonstrasse ao resto do mundo – em especial às nações ditas “civilizadas”, tomadas pelos brasileiros como modelo de civilização – que o estágio de atraso nacional estava já superado.²⁹

Para mostrar a todos o progresso que o Brasil vivia, o país se propôs a não apenas sediar a Copa do Mundo de 1950, como também a construir o maior estádio de futebol do mundo, o Maracanã, que se transformou “em monumento do esporte nacional e símbolo da capacidade de realização do país”³⁰. O estádio receberia 200 mil pessoas na última partida do Mundial: Brasil x Uruguai. A Seleção Brasileira seria campeã se empatasse o jogo, o que seria o “fecho de ouro” para uma Copa bem organizada, elogiada por jornalistas

²⁷ Idem, *ibidem*, p. 144.

²⁸ Durante a República Velha, quando o Brasil buscava se afirmar como uma nação “européia”, os referenciais de desenvolvimento do futebol no país encontravam-se na região do Prata: Uruguai e, principalmente, Argentina. Em 1921, o presidente Epiácio Pessoa teria exigido que a Seleção Brasileira que disputaria o Campeonato Sul-Americano na Argentina “não contasse com a presença de negros, o que, em sua argumentação, evitaria desgastes desnecessários para a imagem do Brasil”. Ver: AGOSTINO, Gilberto. Nós e Ellos, Nosotros y Eles – Brasil x Argentina: Os Inimigos Fraternos. In: SILVA, Francisco C. T. & SANTOS, Ricardo P. *Memória social dos esportes*. Futebol e política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2006, p. 64.

²⁹ FRAGA, Gerson Wasen. *A “derrota do Jeca” na imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950*. Porto Alegre: UFRGS/IFCH, 2009, p. 375. Tese de doutorado.

³⁰ AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2002, p. 148.

estrangeiros. Porém, o título ficou com a Seleção Uruguaia, que venceu por 2 a 1. A “afirmação da nacionalidade” transformou-se em “complexo de inferioridade”: no momento decisivo, o Brasil enquanto povo “tremeria” diante dos estrangeiros, e a Seleção Brasileira seria mero reflexo disso. Contribuíram para a difusão de tal idéia as afirmações de que o capitão do Uruguai, Obdulio Varela, teria agredido jogadores brasileiros, acovardando-os.

Não importava mesmo que, para os jornalistas estrangeiros, tenhamos passado uma boa imagem final. Internamente, tínhamos que apenas com a conquista do título máximo comprovaríamos nossas características positivas.³¹

O sentimento de inferioridade brasileira só foi vencido com a conquista da Copa do Mundo de 1958, na Suécia. A euforia provocada pelo título da Seleção Brasileira ia ao encontro com o momento vivido na política: o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961) era marcado pelo otimismo quanto ao desenvolvimento nacional, com sua promessa de fazer o país crescer “cinquenta anos em cinco” e de que o avanço se daria de forma descentralizada, com a construção de Brasília – cuja localização no centro do território nacional integraria o interior do Brasil ao litoral que progredia.

O futebol apenas contribuiu para amplificar o sentimento de que o país enfim conquistara seu lugar junto às grandes nações: a Seleção enfrentara apenas equipes européias em sua campanha vitoriosa, e o pior resultado foi um empate sem gols contra a Inglaterra. O belo futebol apresentado condizia com a idéia de “criatividade nacional” e a Seleção passara a contar, a partir do terceiro jogo na Copa, contra a União Soviética, com jogadores como Pelé e Garrincha, antes barrados supostamente por serem negros: o único titular negro nos jogos contra Áustria (vitória de 3 a 0) e Inglaterra era Didi – e seu reserva, inclusive, também era negro: Moacir, do Flamengo. Dali em diante, ao invés de “tremer”, o Brasil “passeou” com Pelé e Garrincha em campo: venceu a URSS por 2 a 0, passou pelo País de Gales com uma vitória apertada de 1 a 0 – jogo no qual Pelé marcou seu primeiro gol em uma Copa do Mundo –, derrotou a França por 5 a 2 na semifinal, e repetiu o placar na decisão contra a anfitriã Suécia. Era a consagração do “estilo brasileiro” na Europa.

A conquista seria repetida em 1962, no Chile. E serviu aos propósitos do presidente João Goulart de retomar todos os poderes presidenciais: após a renúncia do titular Jânio Quadros, em 25 de agosto de 1961, a posse do vice Goulart só acontecera devido à aceitação de uma emenda constitucional que instaurara o parlamentarismo no Brasil – condição aceita pelos ministros militares, temerosos das “tendências esquerdistas” de

³¹ FRAGA, Gerson Wasen. Op. Cit., p. 376.

“Jango”. O presidente fazia questão de vincular-se ao futebol, lembrando seu passado de jogador – atuara inclusive nas categorias de base do Internacional – e vibrando bastante com a conquista da Copa do Mundo, para aumentar sua popularidade e assim conseguir a aprovação do retorno ao presidencialismo em um plebiscito que era previsto para ocorrer junto com a eleição presidencial em 1965. Porém, Goulart conquistou apoio popular e antecipou a consulta para janeiro de 1963, obtendo o retorno ao presidencialismo.

No dia 1º de abril de 1964, o presidente João Goulart foi deposto por um golpe militar. Iniciava-se um período em que a normalidade democrática no Brasil seria suspensa parcialmente – e mesmo totalmente, como durante a vigência do Ato Institucional nº 5 (AI-5), de 1968 a 1978, que dava “legalidade” às atribuições ditatoriais do presidente da República. Prisões por motivos políticos e censura à imprensa tornaram-se acontecimentos corriqueiros. Críticas à situação do país teriam espaço muito restrito.

Dois anos depois, a Seleção Brasileira disputou a Copa do Mundo na Inglaterra. Para o novo regime, interessava muito a vitória brasileira no Mundial,

para passar a imagem de normalidade política e para desviar o foco das oposições, que se fortaleciam cada vez mais, sobretudo com a dissolução dos partidos políticos existentes e com a implementação do bipartidarismo em fevereiro (*de 1966*), que resultou na criação da Aliança Renovadora Nacional (Arena) e do Movimento Democrático Brasileiro (MDB).³²

Porém, após uma preparação desastrosa, a equipe treinada por Vicente Feola – o mesmo técnico vitorioso de 1958 – foi eliminada na primeira fase. O governo chegou a demonstrar a intenção de criar uma comissão parlamentar de inquérito (CPI) para investigar o fracasso da Seleção na Copa, mas acalmada a situação, foi demovido da pretensão. João Havelange, presidente da CBD, decidiu mudar a estrutura da Seleção Brasileira, criando a Comissão Seleccionadora Nacional (COSENA), “estrutura esportiva claramente inspirada no modelo militar que caracterizava a política brasileira no período”³³. Porém, o desempenho do time continuaria a não ser satisfatório, a ponto de o Brasil ser derrotado em pleno Maracanã pelo México, no final de 1968.

Mesma época na qual a ditadura se “institucionalizaria”: reagindo aos protestos estudantis que marcaram o ano de 1968 no Brasil, assim como em boa parte do mundo, o governo baixou o Ato Institucional nº 5, o AI-5. Já no âmbito futebolístico, a reação consistiu na dissolução da COSENA e na tentativa por Havelange de acertar a Seleção a qualquer custo. Assim, a CBD optou pela contratação de João Saldanha para treinar a

³² FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Dança dos Deuses: futebol, cultura e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 140.

³³ AGOSTINO, Gilberto. Op. Cit., p. 156.

Seleção Brasileira. Saldanha, além de jornalista, tinha ligações com o ilegal Partido Comunista Brasileiro (PCB), ou seja, era “contrário aos valores revolucionários”. Seu desempenho à frente da Seleção Brasileira nas eliminatórias para a Copa do Mundo de 1970, que seria realizada no México, foi muito mais do que satisfatório. Contando com o que de melhor havia em matéria de jogadores de futebol no país, o Brasil classificou-se com tranquilidade para o Mundial. Mas, ironicamente, foi sob o comando do comunista Saldanha que as relações entre Seleção e regime se tornaram ainda mais estreitas: no dia 30 de outubro de 1969 o general Emílio Garrastazu Médici, fã apaixonado do Grêmio, assumiu a Presidência da República. Seu período de governo (até 15 de março de 1974) seria marcado pela intensificação da repressão política no Brasil, e também pela frequente presença do presidente nos estádios.

Promovia-se assim uma importante estratégia de propaganda da Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP), no sentido de transformar o presidente em Torcedor Número 1 da nação, articulando os êxitos futebolísticos à imagem de Brasil-Potência que o governo se esforçava em difundir.³⁴

No início de 1970, um clima de intranqüilidade voltou à Seleção. Além dos maus resultados em amistosos, o temperamento do técnico João Saldanha contribuiu para conturbar o ambiente: afirmou que Pelé teria “problemas de visão”³⁵, e entrou em suposta polêmica com Médici, quanto ao artilheiro Dario, do Atlético Mineiro. O atacante agradaria ao presidente, que era também admirador do esquema de Saldanha. Porém, o técnico respondeu a jornalistas que falavam no encanto de Médici por Dario dizendo que “o presidente escala o ministério dele que eu escalo o meu time”, o que serviu de pretexto para sua substituição no cargo por Mário Zagalo, três meses antes da Copa do Mundo.

Não se sabe ao certo se Médici estava tão empenhado na escalação de um jogador específico, em um momento em que os desafios governamentais eram tão grandes. Certo, sim, é que a figura de Saldanha era considerada muito inconveniente pelo seu destempero e por sua pretensa independência política. Temia-se que o treinador chegasse ao México com uma lista de presos políticos no bolso, e, em entrevista coletiva, diante de microfones e câmeras do mundo todo, denunciasse o desrespeito aos direitos humanos que vinha ocorrendo no Brasil.³⁶

O regime via a conquista do título como fundamental para sua legitimação diante da sociedade, “o que, aliás, já estava em curso graças aos resultados positivos do chamado ‘milagre econômico’ e à censura à oposição”³⁷. A comissão técnica da Seleção foi militarizada – principalmente a preparação física, considerada causa do fracasso de 1966.

³⁴ Idem, *ibidem*, p. 158.

³⁵ Ver: FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Op. Cit.*, p. 142.

³⁶ AGOSTINO, Gilberto. *Op. Cit.*, p. 160.

³⁷ FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Op. Cit.*, p. 142.

O jogador rebelde de talento espontâneo cedia espaço ao atleta-soldado, sujeito a mecanismos disciplinares e repressores, da mesma maneira que o cidadão brasileiro submetido à ditadura.³⁸

Ironicamente, esta Seleção de “atletas-soldados” acabaria marcando época por ser considerada um exemplo de “futebol-arte”. Venceu suas seis partidas na Copa do Mundo, e quase sempre marcando a maioria dos gols no segundo tempo – o que denota um melhor preparo físico que seus adversários. A cada vitória brasileira, Médici fazia questão de aparecer na televisão em situações que demonstrassem a paixão do presidente pela Seleção, e por consequência, pelo Brasil. E quando do retorno da equipe campeã, Médici e diversos políticos faziam questão de posar para fotos com os craques.

A conquista da Copa de 1970 pela Seleção Brasileira alimentou ainda mais a propaganda ufanista do regime militar. A marcinha “Pra frente, Brasil”, de uma simples canção “futebolística”, transformou-se em patriótica. E diversos slogans nacionalistas seriam criados, como “Ninguém segura esse país” e “Brasil, ame-o ou deixe-o”.

O uso do futebol pela ditadura não se limitaria às relações do governo com a Seleção Brasileira. A partir de 1971, era iniciada a disputa de um campeonato nacional com a participação de clubes da maioria das unidades da federação, ao invés de se prosseguir na fórmula do Torneio Roberto Gomes Pedrosa, restrito a menos Estados. Tal campeonato nacional cresceria – não em qualidade, mas em quantidade, por conta de interesses políticos de federações estaduais – mesmo as de pouca expressão – a ponto de contar com 94 clubes em 1979. Com boa parte das federações sendo comandadas por políticos ligados à Arena, partido do governo, surgia a máxima “Onde a Arena vai mal, mais um time no nacional; onde a Arena vai bem, mais um time também”, que marcaria a administração do almirante Heleno Nunes na CBD (1974-1979), sucessor de Havelange.

E nos primeiros anos da década de 1970, inúmeros estádios seriam inaugurados pelo país, no contexto de “grandes obras” – quando o próprio presidente não podia estar presente, autoridades governamentais compareciam. Tais estádios seriam exibidos ao mundo com a realização, em 1972, da Taça Independência, torneio comemorativo ao sesquicentenário da independência do Brasil. As principais potências europeias – Alemanha, Inglaterra e Itália – não participaram da chamada “Minicopa”, alegando que a competição tinha objetivos mais políticos do que esportivos. E estes iam além de “promover a imagem do Brasil”: João Havelange não media esforços para conseguir o máximo de votos para se eleger presidente da FIFA, a ponto de pagar 25 mil dólares (mais

³⁸ Idem, *ibidem*, p. 142.

do que a Seleção Brasileira cobrava por um amistoso na Europa) pela participação da Seleção da Venezuela, historicamente uma das mais fracas da América do Sul, na “Minicopa”, tendo em vista o voto da federação do país³⁹.

A “Minicopa” daria grande prejuízo financeiro, e também uma “dor de cabeça” para a CBD e o regime militar: o técnico Zagalo não convocou Everaldo, titular do time campeão de 1970, para a Seleção que disputaria o torneio, gerando revolta de torcedores e jornalistas no Rio Grande do Sul contra o que consideravam “desprestígio” do Estado. Tal fato teria como consequência a realização de um jogo entre a Seleção Brasileira e uma “Seleção Gaúcha”, em “desagravo”, com clima hostil à CBD e Havelange, e também uma demonstração de que a “união nacional” em torno da Seleção – e do próprio governo, que dela se apropriara – talvez não fosse tão real como dizia a propaganda oficial.

³⁹ Idem, *ibidem*, p. 163.

3. As especificidades do “futebol gaúcho”

A cidade portuária de Rio Grande é considerada a “porta de entrada” do futebol no Rio Grande do Sul. A partir de sua fundação, em 1900, o Sport Club Rio Grande passou a realizar excursões por diversas cidades no Estado, para divulgar o futebol – e por onde passava, motivava a criação de novos clubes. Ao jogar em Porto Alegre no dia 7 de setembro de 1903, o Rio Grande serviu de inspiração para que fossem fundados o Grêmio de Foot-Ball Porto-Alegrense e o Fussball Club Porto Alegre, ambos em 15 de setembro.

Porém, antes de chegar à capital, o futebol se difundiu no sul do Estado. Além das excursões do Rio Grande, é preciso levar em conta a possibilidade de ter havido uma influência do outro lado da fronteira, visto que no Uruguai o esporte já era praticado. Esta pesaria futuramente para definir certos aspectos do futebol no Rio Grande do Sul como “tipicamente gaúchos” e diferentes do restante do Brasil.

De qualquer forma, a região fronteira da Campanha, cuja formação histórica é mais vinculada à Argentina e ao Uruguai, ao final do século XIX e início do XX era ainda política e economicamente forte. Conforme Gilmar Mascarenhas de Jesus,

esta vinculação estreita com a região cada vez mais polarizada por Buenos Aires e Montevideo condicionará toda a vida de relações no território em questão, afetando inclusive (e decisivamente) o futebol⁴⁰.

Até 1828, pode-se dizer que o Rio Grande do Sul era “parte indissociável da realidade geográfica platina, e não algo externo com que se pode estabelecer relações”⁴¹. Tal quadro se altera com o estabelecimento da República Oriental do Uruguai, que criou “uma fronteira dividindo um espaço que até então fora uniformizado cultural e economicamente (e unido politicamente entre 1820 e 1828)”⁴². Tal homogeneidade passava a ser dividida por uma linha imaginária que estabelecia os limites entre Brasil e Uruguai – fronteira que em muitos trechos é socialmente imaginada (como se percebe entre Santana do Livramento e Rivera), por não haver acidentes geográficos como rios ou serras para que se faça a distinção de “dois lados”⁴³.

⁴⁰ JESUS, Gilmar Mascarenhas de. *A Bola nas Redes e o Enredo do Lugar: por uma Geografia do Futebol e de seu Advento no Rio Grande do Sul*. São Paulo: USP, 2001, p. 116. Tese de doutorado.

⁴¹ Idem, *ibidem*, p. 117.

⁴² Idem, *ibidem*, p. 117.

⁴³ Benedict Anderson define a nação como “uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente *limitada* e, ao mesmo tempo, soberana” (*grifo meu*). Tais limites entre comunidades que são imaginadas, podem ser considerados como também imaginados. Ver: ANDERSON, Benedict. *Op. Cit.*, p. 32.

O surgimento da fronteira internacional, porém, beneficiou a região da Campanha no século XIX.

Com o advento de fronteiras internacionais definitivas no interior de uma região de ampla mobilidade interna de mercadorias, a prática do contrabando tornou-se uma regra, sobretudo porque naquela época as conexões tornavam-se ainda mais intensas.⁴⁴

As guerras platinas nas décadas de 1850 e 1860 permitiram a penetração de gado e pecuaristas riograndenses em território uruguaio, desorganizado pelos conflitos – época em que as charqueadas da Campanha viveram seu apogeu e o eixo Rio Grande-Pelotas começou a sobrepujar a capital Porto Alegre em importância econômica e mesmo demográfica⁴⁵. A primeira devido a seu porto, que possibilitava o contato mais freqüente com o exterior, e a segunda devido à riqueza gerada pelas charqueadas.

Ao final do século XIX, a malha ferroviária uruguaia já se estendia até a fronteira com o Brasil, chegando às cidades de Artigas e Rivera. O ambicioso objetivo da “The Central Uruguay Railway Company of Montevideo”, empresa britânica, era “atingir toda a imensa área de influência do porto” – e a Campanha estava incluída. Com a precariedade da rede ferroviária no Rio Grande do Sul e a expansão da malha uruguaia, os pecuaristas da fronteira passaram a se utilizar ainda mais do porto de Montevideú, melhor que o de Rio Grande, para a exportação de sua produção, ampliando as conexões com o Prata.

Se os trens transportavam produtos para serem exportados por Montevideú, também levavam ao interior – e mesmo ao sul do Rio Grande do Sul – produtos industrializados ingleses e, claro, pessoas. Muitas das quais de origem britânica – como técnicos responsáveis pela manutenção das ferrovias –, ou seja, que pelo menos já sabiam da existência do futebol. O que indica que o esporte já poderia estar presente junto à fronteira brasileira. E, de fato, o futebol no sul do Estado, desde seu princípio, manteve fortes relações com argentinos e, principalmente, uruguaios.

Além da influência platina, outra peculiaridade do futebol no Rio Grande do Sul é o fato de muitos clubes de futebol terem sido fundados não por ingleses, mas por alemães – caso do próprio Rio Grande. A colônia alemã, numerosa no sul do Brasil, tinha uma tradição associacionista, expressada em diversos clubes anteriormente criados para a prática da ginástica (*turnen*). Como foi dito por Damo⁴⁶, havia grande número de associações esportivas em Porto Alegre, fundadas por alemães e seus descendentes. Assim,

⁴⁴ JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Op. Cit., p. 118.

⁴⁵ Idem, *ibidem*, p. 118.

⁴⁶ DAMO, Arlei Sander. Op. Cit., p. 80.

a prática de esportes em clubes não era exatamente algo novo no Estado, mesmo que fosse mais restrita à colônia alemã.

Os dois primeiros clubes surgidos em Porto Alegre, o Grêmio de Foot-Ball Porto-Alegrense e o Fussball Club Porto Alegre, foram fundados por alemães. Outras associações germânicas surgiram ao longo da década de 1900, e mesmo alguns clubes tradicionalmente voltados à prática da ginástica criaram times de futebol, como a Sociedade Alemã de Ginástica – atual Sogipa – que formou o Fussball Mannschaft Frisch Auf.

Embora o futebol de Porto Alegre contasse em suas primeiras décadas com um bom número de clubes – a ponto de serem criados campeonatos já na década de 1910 –, a rivalidade que mais se acirraria seria entre Grêmio de Foot-Ball Porto-Alegrense e Sport Club Internacional, fundado em abril de 1909. De acordo com o “mito de origem” colorado, o clube teria surgido a partir da rejeição dos irmãos Henrique, José e Luís Poppe, descendentes de italianos, pelo Grêmio, e estes teriam então decidido criar uma associação pela qual eles pudessem praticar o futebol, visto que a maioria dos clubes de Porto Alegre eram tão fechados quanto o Grêmio. Os irmãos, que eram paulistas, já praticariam o futebol em São Paulo, e teriam procurado o Grêmio por este ter o melhor time da época. Porém, a idéia de “clube do povo”, tão difundida na atualidade, só surgiria na década de 1940, quando o Internacional passaria a ser considerado como “o time dos negros”, aceitos no clube desde o final da década de 1920 e não já em seus primeiros tempos.

Conforme Damo,

a segregação racial no futebol porto-alegrense não pode ser explicada elencando-se uma ou duas razões quaisquer, por mais convincentes que possam parecer. Trata-se, evidentemente, de motivações anteriores e, até certo ponto, alheias ao futebol.⁴⁷

A exclusão dos negros já acontecia no processo de formação de uma “identidade gaúcha”: a partir da valorização da figura do gaúcho – uma “cruza” das etnias portuguesa, espanhola e indígena – iniciada pelos poetas do Partenon Literário de Porto Alegre na segunda metade do século XIX, outros grupos étnicos foram excluídos deste “tipo regional”. Volta-se, desta forma, à questão da influência platina na construção da idéia do gaúcho como sendo um herói, e não um pária – como era visto até princípios do século XX.

Porém, tratava-se de uma figura considerada “não-brasileira”, por ser típica da região platina. Era preciso transformar o gaúcho em brasileiro, e para isso foi decisiva a influência do Partenon Literário: os poetas construíram a idéia de que o gaúcho seria “o

⁴⁷ DAMO, Arlei Sander. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, p. 93.

mais brasileiro dos brasileiros”, diferenciando-o do “gaúcho malo”, associado aos “castelhanos” (uruguaio e argentino). Portanto, este gaúcho seria mais do que um tipo regional, mas também “símbolo de brasilidade”, por ter defendido as fronteiras nacionais dos “estrangeiros”. E a Revolução Farroupilha seria, paradoxalmente, a grande prova do sentimento de pertencimento ao Brasil dos gaúchos: embora associada à secessão do Rio Grande e a uma longa luta “contra o Brasil”, esta não se tratava de objetivo principal dos revoltosos e, além disso, com o acordo de paz o Rio Grande teria optado por “ser Brasil”⁴⁸. Assim, um tipo fronteiriço era transformado em regional. E, sendo também “o mais nacional dentre os nacionais”, deveria, portanto, ser um “modelo de brasileiro”.

Porém, no futebol do Rio Grande do Sul, a influência européia – principalmente dos alemães – não podia ser desprezada, visto que estes foram os fundadores de boa parte dos clubes que se destacariam. Os negros eram marginalizados no futebol porto-alegrense e não faziam parte da formação da identidade regional – apesar dos alemães também não a integrarem, eram brancos, em um momento em que o elemento europeu era visto como símbolo de civilização.

[...] Ao passo que em outros Estados do Brasil, como a Bahia, o negro comparece como um dos formadores da identidade, no Rio Grande do Sul sua imagem é relegada a um segundo plano. De fato, a historiografia gaúcha, apesar de reconhecer a existência generalizada do escravo no Estado, insistiu na sua pouca importância no processo de trabalho.⁴⁹

A tardia inserção dos negros nos clubes que mais cresceriam – principalmente Grêmio e Internacional – indica desta o quão dividido foi o princípio do futebol em Porto Alegre, o que refletia a própria realidade social de então na cidade, que buscava modernizar-se segundo um padrão europeu. Antes evitadas pelas famílias de estratos sociais mais elevados, por serem espaços onde teriam de conviver com escravos, mulatos e negros livres, as ruas se tornavam

terreno do espetáculo e da fruição da burguesia, e nela o elemento negro é indesejável, devendo, sempre que ‘dispensado’ do trabalho, refugiar-se em enclaves étnicos como a Colônia Africana, o Areal da Baronesa e a Ilhota.⁵⁰

No futebol, tal divisão étnica se refletiu na formação de uma liga de clubes formados por jogadores negros, que ficaria conhecida pelo pejorativo apelido de “Liga das

⁴⁸ Ver: PESAVENTO, Sandra Jatahy. Nação e região: diálogos do “mesmo” e do “outro” (Brasil e Rio Grande do Sul, século XIX). In: *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p. 227.

⁴⁹ OLIVEN, Ruben George. A Invisibilidade Social e Simbólica do Negro no Rio Grande do Sul. In: LEITE, I. B. (org.) *Negros no Sul do Brasil: Invisibilidade e territorialidade*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996, p. 26 *apud* DAMO, Arlei Sander. Op. Cit., p. 93.

⁵⁰ JESUS, Gilmar Mascarenhas de. O futebol da canela preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre. In: *Anos 90*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, n. 11, 1999, p. 147.

Canelas Pretas”, que oficialmente se chamava “Liga Nacional de Foot-Ball Porto-Alegrense”. O nome da liga parece refletir a idéia de que seus jogadores seriam os “verdadeiros brasileiros”, em oposição aos “estrangeiros” dos clubes de elite.

Este pode estar sugerindo a condição nativa, “da terra”, quiçá criticando a larga presença na liga “branca” de não-brasileiros: argentinos e uruguaios, por um lado; alemães, italianos e até poloneses, e seus descendentes, por outro. Estes últimos seriam brasileiros, porém menos “brasileiros” que aqueles negros com algumas gerações nascidas em nosso território (lembrando que o Rio Grande do Sul foi uma das maiores províncias receptoras de escravos, e que os negros correspondiam em 1874 a 21% da população gaúcha).⁵¹

Tal liga existiria até meados da década de 1920 – infelizmente, não há registros exatos do momento em que a Liga Nacional de Foot-Ball foi extinta. A denominação pejorativa, “Liga da Canela Preta”, indica estranhamento e também menosprezo: além da referência à cor da pele dos jogadores, o uso do termo “canela” indica falta de habilidade, visto que o futebol se caracteriza, como a própria denominação do esporte indica, pela bola “no pé”, e não “na canela”. “Na linguagem popular, dar ‘canelada’ supõe mal (*sic*) controle da bola ou mesmo agressão desleal ao adversário”⁵². O declínio da Liga Nacional de Foot-Ball teria se iniciado justamente com sua afirmação enquanto “futebol de qualidade”: os jogadores negros, antes desprezados, passavam a despertar a cobiça dos clubes da elite, que enxergavam a possibilidade de montarem times mais fortes com os “canelas pretas”.

Mesmo depois de aceitos como jogadores, os negros ainda foram vistos com muita desconfiança pelos clubes de elite no Rio Grande do Sul. A ponto do jogador Tupã, do Internacional, sofrer retaliações após a derrota para o Grêmio na decisão do campeonato citadino de 1935, sendo culpado pelo fracasso do time. Mesmo que tivesse sido responsável pela conquistas coloradas dos títulos citadino e estadual no ano anterior⁵³.

O jogo que decidiu o citadino de 1935 já era um “Gre-Nal” propriamente dito. A expressão, utilizada para designar os confrontos entre Grêmio e Internacional, só começaria a ser utilizada na década de 1930⁵⁴, criada pelo jornalista Ivo dos Santos Martins, redator de esportes do jornal *Correio do Povo*, que reclamava de ter de grafar os nomes completos dos clubes a cada vez que se enfrentavam. Significa que então já se tratava de um confronto tradicional, “clássico”, no futebol de Porto Alegre. Sinal de que havia muitas questões em jogo a cada confronto entre Grêmio e Internacional – como a

⁵¹ Idem, *ibidem*, p. 152.

⁵² Idem, *ibidem*, p. 152.

⁵³ Ver: DAMO, Arlei Sander. *Op. Cit.*, p. 93.

⁵⁴ Ver: NORONHA, Nico; COIMBRA, David. *Op. Cit.*, p. 32.

origem do segundo demonstra, visto que teria surgido a partir da rejeição de três de seus fundadores pelo primeiro.

Ao longo das décadas de 1930, a diferença entre Grêmio e Internacional tornou-se mais acentuada, visto que o segundo já aceitava negros em sua equipe: embora o primeiro já não fosse mais uma associação “exclusivamente germânica” – tendo inclusive contado com jogadores de pele mais escura, como o ídolo Eurico Lara – ainda mantinha sua imagem de clube de elite, sem procurar se popularizar, tal como o rival.

A progressiva inclusão dos negros nos principais clubes de Porto Alegre pode ser creditada ao advento do profissionalismo, e ao próprio crescimento de tais associações, que deixavam de ser simplesmente “clubes sociais” e passavam a contar com bom número de apoiadores – sendo que muitos destes eram pobres e inclusive, negros. Os próprios clubes desejavam manter tal público, e para isto precisavam de resultados positivos. Sendo corrente que os jogadores negros jogavam no mínimo tão bem quanto os brancos, contar com eles no time – mesmo que não no quadro social – passou a ser importante. Porém, o Grêmio optou por “manter-se fiel às tradições”, priorizando a contratação de jogadores brancos, ou no máximo “bronzeados” – como o caso do meio-campista Hermes, que jogou pelo Grêmio em 1949: era negro, mas os dirigentes gremistas diziam que “tomava muito sol”, e os colorados o chamavam de “traidor da raça”⁵⁵.

Contando com negros “assumidos” em seu time, o Internacional teve um período muito vitorioso a partir da década seguinte: de 1940 a 1955, o clube só não conquistou os títulos estaduais de 1946, 1949 e 1954. Sua equipe ficou conhecida como “Rolo Compressor”, denominação surgida a partir de uma charge em que os jogadores colorados “passavam por cima” dos do Grêmio utilizando-se do objeto. Apesar do apelido, tratava-se de uma equipe que marcou época por identificar-se com o “futebol-arte”, e na qual atuava Tesourinha, que no final da década de 1940 foi contratado pelo Vasco da Gama.

Tal seqüência vitoriosa do rival fez com que o Grêmio vivesse uma grande crise de identidade no início da década de 1950. Pois além da falta de títulos, o clube não conquistava novos torcedores, devido à sua imagem de elite e, ainda por cima, racista: os jovens que começavam a gostar de futebol, em sua maioria, optavam pelo Internacional. Embora já fosse profissional, os “ares do profissionalismo” ainda não sopravam no Grêmio⁵⁶, por não adotar a qualidade técnica como principal critério para a contratação de

⁵⁵ Ver: Idem, *ibidem*, p. 67.

⁵⁶ Ver: DAMO, Arlei Sander. *Op. Cit.*, p. 115.

jogadores, como fazia o rival desde o final da década de 1920. O que fazia a montagem do time gremista ser muito mais cara: para contratar brancos, enfrentava a concorrência do Inter, mas que também podia montar bons times contratando jogadores negros que, por não serem pretendidos pelo Grêmio, tornavam-se mais baratos. Muitas vezes, inclusive, o Grêmio precisava recorrer a jogadores de fora do Rio Grande do Sul – tanto argentinos e uruguaios, como de outros Estados brasileiros, enquanto o Internacional seguia vencendo com jogadores “locais”.

Para popularizar o Grêmio, era preciso livrá-lo da pecha de “clube racista” e fazê-lo ingressar de fato na “era do profissionalismo”. Por esse motivo, o presidente Saturnino Vanzelotti decidiu fazer uma contratação de impacto: Tesourinha, identificado com o Internacional. O clube assim teria condições de crescer e conquistar jovens torcedores, ainda mais com a construção do Estádio Olímpico, que seria o maior particular do Brasil quando de sua inauguração, visto que a Baixada – onde atualmente se localiza o Parque Moinhos de Vento – era considerada pequena demais. Outro fator que contribuiu para a popularização do Grêmio foi o hino de seu cinquentenário, composto por Lupicínio Rodrigues – que apesar de negro e identificado com a Ilhota, reduto pobre de onde haviam saído muitos jogadores que brilharam no Internacional, era torcedor do Grêmio. A canção, que reflete uma intensa mobilização social em torno do Grêmio (cuja letra é cantada quase que inteiramente na primeira pessoa do plural – ou seja, pelo gremista “em conjunto com os demais”), acabaria por tornar-se hino oficial do clube.

3.1. “*Estilo gaúcho*” versus “*estilo brasileiro*”

A aceitação dos negros e o novo estádio não significaram uma retomada imediata das vitórias pelo Grêmio. Inclusive, no primeiro Gre-Nal disputado no Olímpico, o Internacional venceu por ampla vantagem.

A grande mudança que seria percebida no Grêmio começou com o trabalho do treinador Osvaldo Rolla, o “Foguinho”, ex-jogador do clube. Em 1953, treinando o Cruzeiro de Porto Alegre, empreendera uma excursão à Europa, onde prestara atenção ao futebol praticado no continente e principalmente às atuações da Seleção da Hungria, que seria vice-campeã da Copa do Mundo de 1954, notabilizada não apenas pela grande qualidade do time, mas também pelo preparo físico. A Hungria perderia o título para a Alemanha Ocidental, que se destacara não pela qualidade, e sim, pela “garra”.

“Foguinho” assumiu o comando do Grêmio em 1955, quando o clube perdeu novamente o título para o Internacional, porém, impondo-lhe maiores dificuldades. O Grêmio passou a dar maior atenção à preparação física dos atletas. O estilo de jogo gremista mudava, tornando-se mais “europeu”, em que a força seria mais valorizada do que a técnica. Mesmo após a saída de “Foguinho” do comando técnico do Grêmio, o clube manteve sua “filosofia”, e viveu um dos períodos mais vitoriosos de sua história: o Grêmio conquistou todos os títulos estaduais de 1956 a 1968, exceto o de 1961.

“Mais virilidade do que habilidade” são características associadas atualmente ao “legítimo futebol gaúcho”, que seriam diferentes do “estilo brasileiro”. Influência um tanto europeia, um tanto “platina”, com base no acontecido na Copa do Mundo de 1950, em que a “garra” uruguaia derrubou o “futebol-arte” brasileiro. Mesmo que isto contradiga as próprias predileções de uruguaios e argentinos, que cultuam muito mais o futebol com alta técnica⁵⁷ – ou seja, um estilo de jogo semelhante ao “brasileiro” – do que o preparo físico que caracterizaria o “futebol gaúcho”. Inclusive teria sido tal estilo o que primeiramente causou impacto na Europa, com as medalhas de ouro conquistadas pelo futebol do Uruguai nos Jogos Olímpicos de 1924 e 1928 – a segunda, obtida com vitória sobre a Argentina na final. O “futebol-arte” do Brasil só despertaria as atenções dos europeus na Copa do Mundo de 1938, quando pela primeira vez passou da primeira fase da competição, e chegou à semifinal.

Conforme lembra Guazzelli, o modelo de jogo que corresponde à imagem dada ao futebol do Rio Grande do Sul, “ao menos até fins dos anos 60, disse respeito ao Grêmio”⁵⁸. Não era, portanto, propriamente um “estilo gaúcho”, visto que o Internacional tinha como “filosofia” a prática de um futebol mais próximo ao “estilo brasileiro”. Inclusive, Moari Tosin nos diz que

a construção da identidade do Internacional, ocorreu, principalmente, em contraposição à identidade do Grêmio, sendo que a questão racial foi fator preponderante na difusão de um estilo de jogo no Inter mais próximo ao do futebol brasileiro.⁵⁹

Ao final da década de 1960, o Internacional vivia uma crise de resultados, semelhante à vivida pelo Grêmio no início dos anos 1950. E assim como o rival no início da década de 1950, o Internacional precisava vencer a resistência dos colorados que

⁵⁷ Prova disso, na Argentina, é que não há culto a “zagueiros grossos” e sim a jogadores de grande qualidade técnica como Diego Armando Maradona, que é frequentemente comparado a Pelé.

⁵⁸ GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. Op. Cit., p. 32.

⁵⁹ TOSIN, Moari. *Futebol e identidade: entre o Estado e a Nação (Caso dos “Mandarins Colorados” e o Sport Club Internacional nos anos 1969-1971)*. Porto Alegre: UFRGS/IFCH, 2008, p. 43. Trabalho de conclusão de curso.

prezavam pela “tradição do clube” – no caso, seria o “bom futebol”, de alta técnica, em contraponto à força física empregada pelo rival. A “tradição” só foi quebrada quando o Departamento de Futebol do Internacional passou a ser comandado por um grupo de dirigentes alcunhados de “Mandarins Colorados”, que pregavam a adoção do “estilo gremista”, em nome da retomada das vitórias. Isto aconteceu em 1969, mesmo ano em que o clube inaugurou seu novo estádio, o Beira-Rio – ou seja, “reinventou-se” de forma semelhante ao Grêmio de 1954-1955.

Porém, antes disso, já se falava em um “estilo de jogo diferente” no Rio Grande do Sul, em relação ao Brasil. Tratava-se de uma visão que não era exclusiva dos riograndenses: em 1967 o presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), João Havelange, afirmou que o futebol gaúcho seria, no Brasil, o mais próximo do europeu⁶⁰ (que havia triunfado na Copa do Mundo de 1966).

Provavelmente tenha sido o relativo isolamento futebolístico do Rio Grande do Sul em relação ao centro do país – São Paulo e Rio de Janeiro – o responsável para a difusão da idéia de que o futebol praticado no Estado é diferente daquele praticado no eixo Rio-São Paulo. O estilo de jogo, que até 1968 correspondia ao Grêmio, era transformado em “gaúcho”, e assim este “futebol gaúcho” não se encaixaria no “estilo brasileiro” de jogo.

Conforme Damo, Gilberto Freyre evocou “a molecagem baiana, a capoeiragem pernambucana e a malandragem carioca, excluindo os demais ‘tipos regionais’ que contribuíram para dar ao futebol os contornos de brasilidade”⁶¹, ao buscar a “autenticidade brasileira” do futebol. Em relação aos “tipos regionais”, Damo levanta a questão “de como resultaria o caráter ‘genuinamente’ brasileiro se fossem consideradas as contribuições dos mineiros, gaúchos e paulistas, por exemplo”⁶². Uma resposta a tal questionamento de Damo poderia muito bem dizer que um “estilo brasileiro” de jogar futebol não existe. Pois determinar certos “tipos regionais” como sendo o “tipo nacional” automaticamente exclui todos os demais.

Porém, se consagrou a idéia de que o Rio Grande do Sul tem um futebol “estranho” em relação ao Brasil. Seria mais próximo do platino e do europeu, com predomínio do preparo físico em detrimento da técnica, logo, mais “feio” do que o “futebol-arte” praticado em outras partes do país. Se o chamado “estilo brasileiro” é inventado, com o “estilo gaúcho” não poderia ser diferente. Até porque no Rio Grande surgiram não poucos

⁶⁰ *Folha da Tarde Esportiva*, 5 de junho de 1967, p. 8

⁶¹ DAMO, Arlei Sander. Op. Cit., p. 124.

⁶² Idem, *ibidem*, p. 124.

jogadores que, mesmo de bastante força, eram altamente técnicos, casos de Tesourinha, Paulo Roberto Falcão, Renato Portaluppi, dentre outros. Porém, a valorização dada às “influências européias e platinas” contribuiu bastante na “invenção da tradição” do futebol gaúcho. Inventada nos moldes explicados por Eric Hobsbawm, que considera as tradições como tendo a função de

inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.⁶³

Apesar da forte vinculação com um passado, para estabelecer a idéia de continuidade, a invenção de uma tradição não pode ser desligada do contexto histórico em que se dá. Neste caso, o “isolamento” do futebol gaúcho em relação ao Brasil chegava ao fim com a expansão do Torneio Roberto Gomes Pedrosa: antes restrito a clubes do Rio de Janeiro e de São Paulo, passaria a contar com participantes de mais Estados a partir de 1967. Era a chance de afirmar-se nacionalmente, mostrando que era tão bom quanto o praticado no restante do país.

Conforme veremos na seqüência, a idéia de “afirmação nacional do futebol gaúcho” seria encampada pelos colunistas do jornal *Folha da Tarde Esportiva*, que ressaltariam a necessidade de “união entre os gaúchos” para o crescimento do futebol no Estado e seu reconhecimento pelo centro do país. Se por um lado a dupla Gre-Nal ainda não alcançara sucesso a nível nacional, por outro o futebol gaúcho não podia ser considerado como “completamente esquecido pelo Brasil”: nos Campeonatos Pan-americanos de 1956 e 1960, a representação brasileira fora de uma “Seleção Gaúcha”, que na primeira ocasião conquistou o título.

⁶³ HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 9.

4. O futebol “gaúcho” nas páginas da *Folha Esportiva* (1967-1972)

Com a eliminação precoce da Seleção Brasileira da Copa do Mundo de 1966, instalou-se uma “crise” no futebol nacional. E o futebol de clubes também foi atingido por ela. Colocou-se em discussão não apenas a preparação da Seleção Brasileira, mas sim o futebol nacional como um todo. Afinal, o Brasil, bicampeão mundial, não tinha sequer um campeonato de clubes que pudesse ser considerado nacional: os únicos torneios interestaduais disputados com regularidade eram a Taça Brasil (desde 1959) e o Torneio Roberto Gomes Pedrosa (desde 1950) – porém, este último restrito apenas a clubes de São Paulo e Rio de Janeiro. Ou seja, a maioria esmagadora dos clubes brasileiros passava o ano disputando apenas campeonatos estaduais, amistosos e realizando excursões.

E os resultados da Taça Brasil demonstravam que havia futebol de qualidade não apenas no eixo Rio-São Paulo: a primeira edição da Taça fora vencida pelo Bahia, e em 1966, o título também ficou com um clube de fora do eixo, o Cruzeiro, de Minas Gerais. Tanto Bahia como Cruzeiro foram campeões derrotando o Santos, clube onde jogava Pelé.

A criação de um campeonato nacional de clubes apareceu como uma das soluções para a “crise” do futebol brasileiro, visto que o país tinha como única competição nacional regular uma copa – a Taça Brasil. Decidiu-se então ampliar o Torneio Roberto Gomes Pedrosa em sua edição de 1967: ao invés de ficar restrito a São Paulo e Rio de Janeiro, contaria também com a participação de clubes de outros Estados. A idéia inicial era de expandir a competição apenas a Minas Gerais, já que Belo Horizonte contava com um grande estádio, o Mineirão, que proporcionava grandes rendas nos jogos dos dois principais clubes mineiros, Atlético e Cruzeiro. Porém, optou-se por convidar não apenas os dois de Minas, mas também um clube do Paraná (Ferroviário) e dois do Rio Grande do Sul (Grêmio e Internacional).

4.1. O “Robertão” e a “Torcida Gre-Nal” (1967-1968)

Para participarem do “Robertão” – como ficou conhecido o Torneio Roberto Gomes Pedrosa ampliado – Grêmio e Internacional uniram forças no chamado “Comitê do Robertão”. Como o Inter precisaria jogar no Estádio Olímpico, por seu novo estádio ainda não estar concluído, os dois clubes decidiram adotar o sistema de “caixa único”, em que a renda correspondente ao mandante seria dividida entre os dois – ou seja, jogos do Grêmio

resultariam em lucros ao Inter, e vice-versa. O “Comitê do Robertão” também teve a função de recepcionar as delegações de clubes de outros Estados.

Logo na primeira rodada do “Robertão” de 1967, Grêmio e Internacional se enfrentaram no Gre-Nal de número 181, vencido por 2 a 0 pelo Inter. Foi um clássico diferente, antes mesmo de a bola rolar. Tradicionalmente as semanas que antecedem os Gre-Nais são marcadas por provocações entre os dois clubes, tanto por parte de dirigentes como pelas torcidas, chamada à época de “semana do sofrimento”. Mas a tradição foi quebrada nos dias que antecederam o Gre-Nal 181. E antes do jogo começar, os jogadores dos dois times posaram para a tradicional fotografia juntos, simbolizando uma rara união entre Grêmio e Internacional, pelo “progresso do futebol gaúcho”, da qual falava Amaro Júnior em trecho de sua coluna “Por conta e risco” em 6 de março:

Nem houve “semana do sofrimento”. Tudo veio vindo na mais santa harmonia e compreensão. Torneio Gomes Pedrosa. Caixa única. Diretores dos dois clubes trabalhando ombro a ombro para o sucesso do certame. A crônica em peso participando de uma churrascada no “Gigante” do Internacional com um diretor gremista falando em nome da dupla. Era seu Petry pra cá, seu Efraim pra lá. Seu Dalegrave dava as tintas e seu Bitencourt batia palmas, e quando o seu Petry emitia uma ordem, o seu Strougo aprovava. O clássico já tem mais de cinquenta anos encontrando agora a uma nobre finalidade: recolocar o Rio Grande do Sul na posição que sempre lhe pertenceu – sériamente (*sic*) ameaçada por outros centros esportivos do país – como a terceira força no futebol brasileiro.”⁶⁴

Chama a atenção o fato de Amaro Júnior falar em “recolocar o Rio Grande do Sul na posição que sempre lhe pertenceu”. Afinal, era a primeira vez que os clubes riograndenses participavam do Torneio – logo, não se tratava de “reconquistar uma posição”, mas sim de conquistá-la pela primeira vez. Afinal, na Taça Brasil, Grêmio e Internacional jamais haviam chegado à final – enquanto Minas Gerais, com quem o Rio Grande do Sul disputava a posição de “terceira força”, não só decidira o título como o conquistara, com o Cruzeiro em 1966. Provavelmente, a “reconquista” significasse a retomada de certo prestígio do futebol do Estado junto a São Paulo e Rio de Janeiro – a quem Amaro Júnior não nega a condição de “primeiro e segundo postos”, ao considerar que o Rio Grande brigava pelo “terceiro” – considerando que a representação do Brasil que conquistou o Campeonatos Pan-Americano de 1956 fora “gaúcha”.

A renda do Gre-Nal, de pouco mais de 69 mil cruzeiros novos, foi considerada uma decepção. E por isso, trecho do editorial da *Folha da Tarde Esportiva* do dia 6 de março de 1967 afirma a necessidade de que as duas torcidas compareçam em massa ao Olímpico⁶⁵.

⁶⁴ *Folha da Tarde Esportiva*, 6 de março de 1967, p. 16.

⁶⁵ O Estádio dos Eucaliptos, do Internacional, era considerado pequeno demais para jogos do “Robertão”.

Porque não podemos ignorar que para assegurarmos em definitivo a presença de times rio-grandenses no “Robertão” não é o bastante que eles se conduzam em excelente nível técnico. É importante, ainda, que as rendas justifiquem o deslocamento de um Santos, de um Botafogo, de um Flamengo até o extremo sul do país. Se as arrecadações não forem compensadoras, ficaremos em posição delicada, pois ninguém desconhece que a pré-classificação dos clubes do Rio e São Paulo se faz pelas rendas e não pelos pontos somados no campeonato.⁶⁶

A arrecadação era importante para o futuro de Grêmio e Internacional no “Robertão” porque ambos tinham dado “garantias financeiras” aos clubes do centro do país. Como as viagens ao Rio Grande do Sul eram mais dispendiosas do que a Minas Gerais ou Paraná, era preciso que os jogos em Porto Alegre dessem boas rendas, para que os clubes do Estado fossem convidados para as edições seguintes do torneio.

Em uma coluna sobre o Gre-Nal, Hilário Honório comenta sobre a possibilidade de apoio de torcedores do Grêmio ao Internacional, na partida contra o Flamengo que aconteceria na quarta-feira, 8 de março.

DIZEM POR AÍ...

... que os gremistas vão torcer em massa pelo Internacional, 4.a-feira, no jogo contra o Flamengo. Será verdade?⁶⁷

A dúvida de Honório tinha bastante fundamento: tratava-se de ver o torcedor de um clube emprestando seu apoio ao maior rival, ao invés de desejar o fracasso dele.

Em 12 de março, o Grêmio empatou em 1 a 1 com o Santos, no Olímpico, em partida que rendeu 95 mil cruzeiros novos. A *Folha* chamou à atenção para o fato de que na entrada do time do Grêmio em campo houve muitos aplausos, mas parte da torcida ficou em silêncio.

Enquanto algumas alas vibravam, aplaudindo e saudando o quadro, inclusive agitando bandeiras tricolores, outras porções de público se mantinham em silêncio. Certamente eram os torcedores do Internacional, que achavam gentileza demasiada, abuso de “troca de confêti”, o bater palma para aqueles que são, em nosso meio, os seus mais tradicionais e acérrimos rivais no futebol... Mas vaia não houve, uma que fosse.⁶⁸

O título da matéria da qual o trecho acima foi transcrito é significativo: “GOL DE ALCINDO MOSTROU QUE O PENTA⁶⁹ TEVE ‘TORCIDA GRE-NAL’” – o jornal destacava que a idéia de união entre as torcidas, que certamente era considerada utópica por muitos, tornava-se realidade, com os colorados comemorando um gol do Grêmio e não aplaudindo o gol do Santos, mesmo que tenha sido marcado por Pelé, geralmente respeitado e mesmo ovacionado por torcedores de todos os clubes.

⁶⁶ Idem, p. 4.

⁶⁷ Idem, p. 17.

⁶⁸ *Folha da Tarde Esportiva*, 13 de março de 1967, p. 15.

⁶⁹ O Grêmio era pentacampeão gaúcho (1962-1966), uma série que se encerraria somente em 1968 com a conquista do hepta.

O editorial, de título “VALEU OU NÃO VALEU?” exaltou as boas rendas obtidas em Internacional *versus* Flamengo e Grêmio *versus* Santos, atenuando a “decepção” do Gre-Nal; lembrou as dificuldades enfrentadas por Grêmio e Internacional para serem incluídos no “Robertão”, e a “necessidade” de apoio pelos torcedores dos dois clubes.

Os gaúchos podem se sentir satisfeitos. O Rio Grande do Sul provou que está à altura de participar do “Roberto Gomes Pedrosa”, não apenas pelo futebol que pratica como pelas suas possibilidades financeiras. Em três jogos no Olímpico, as rendas excederam à casa dos 220 mil cruzeiros novos. (...) Quando se cogitou de dar ‘âmbito nacional’ ao Torneio “Roberto Gomes Pedrosa”, o trabalho quase todo foi feito no sentido de aproveitar o “filão de ouro” que brotara de Minas... As pretensões do Rio Grande do Sul encontraram, em alguns setores, considerável resistência e isso levou a FRGF⁷⁰ a se unir com a dupla Gre-Nal para conseguir trazer até nós o tradicional certame. Felizmente, tivemos também bons advogados e acabamos por ser incluídos no “Robertão”, embora nos fizessem certas exigências pecuniárias, prova de que não levavam muita fé no nosso mercado. A isso respondemos, agora, com três rendas de truz: a primeira, no Gre-Nal, de 69 mil cruzeiros novos; a segunda, quarta-feira passada à noite, de 64 mil; e ontem, num recorde altamente expressivo, quando do prélio entre Grêmio e Santos, de 95 mil cruzeiros novos! O Flamengo, quando daqui partiu, levou consigo aproximadamente NCr\$ 28.000 limpos, quantia que dificilmente lograria em jogos no estrangeiro; e o Santos deve ter embolsado cerca de NCr\$ 40.000. Valeu ou não a “experiência”? Naturalmente que, refletindo o pensamento unânime dos esportistas gaúchos, nos sentimos orgulhosos com essa manifestação maciça de apoio ao trabalho realizado pela dupla Gre-Nal com a decidida colaboração da FRGF. Está provado que temos “praça” para grandes jogos de futebol, mesmo numa época de aperturas financeiras como esta que vivemos, e se nossos times firmarem sua atuação, obtendo alguns resultados favoráveis, como todos ardentemente desejam, não tenhamos dúvidas que daremos um quinau em muita gente boa, que torcia o nariz quando falava na participação do Rio Grande do Sul no “Robertão”. O público já se capacitou da importância que tem para nós esse torneio, e a necessidade de, no interesse tanto do Grêmio quanto do Internacional (que adotaram inteligentemente o sistema de caixa única), estimular os dois quadros gaúchos. E assim, como víramos 4.a-feira torcedores do Grêmio torcendo pelo Internacional, ontem pudemos observar um estádio inteiro aplaudindo o gol de Alcindo, que desfazia a vantagem do Santos.⁷¹

Na semana seguinte, após a vitória do Grêmio por 2 a 0 sobre o Palmeiras, o editorial⁷² da Folha falava sobre a importância para o futebol nacional da realização do “Robertão”:

O Torneio “Roberto Gomes Pedrosa”, é como todos sabem, nas bases em que vem sendo realizado este ano, uma experiência de máxima importância para o futebol brasileiro. Cuida-se, com o aproveitamento de clubes de Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul, criar condições novas para o nosso associativo, que venham a se refletir, benêficamente, já na Copa do Mundo de 70.

Afinal, com mais equipes fortes enfrentando-se ao longo do campeonato, a Seleção Brasileira teria maiores possibilidades de contar com os melhores jogadores que não estivessem no eixo Rio-São Paulo, que com o “Robertão” seriam vistos.

⁷⁰ Federação Rio-Grandense de Futebol

⁷¹ *Folha da Tarde Esportiva*, 13 de março de 1967, p. 4.

⁷² *Folha da Tarde Esportiva*, 20 de março de 1967, p. 4.

O mesmo editorial ainda lembra a “tradição esportiva” – citando o título pan-americano da “Seleção Gaúcha” que vestia a camisa do Brasil – do Rio Grande do Sul, associada às boas rendas, que tornavam inadmissível seu “esquecimento”:

Algumas rendas no Rio Grande do Sul, e nossa tradição esportiva (dois pan-americanos viram o que valem), também aconselhavam que não fôssemos esquecidos. (...) A torcida gaúcha volta a vibrar, sentindo que nosso futebol ‘também conta’, no panorama nacional, e que tínhamos razões de sobra quando pleiteávamos o direito de também intervir no “Robertão”. Tênicamente vamos nos comportando bem, e não demos, por outro lado, qualquer desgosto financeiro aos clubes que nos visitaram. Todos eles saíram daqui com os bolsos cheios.

De certa forma, a preocupação com a arrecadação parecia superada, visto que a “torcida gaúcha” prestigiava os jogos do Torneio Roberto Gomes Pedrosa em Porto Alegre – o que ajudaria justamente a manter o “prestígio do futebol gaúcho”, reconhecido como rentável pelo centro do país. Porém, era preciso mais, como já sugerira a coluna de Amaro Júnior em 6 de março, quando falara em “retomada do posto de terceira força do futebol nacional”. No dia 27, Amaro Júnior voltaria a comentar sobre a idéia de “inferioridade” atribuída ao futebol do Rio Grande do Sul – e mesmo de Minas Gerais – pelo presidente da Federação Paulista de Futebol, Mendonça Falcão:

Ainda em relação ao nosso comentário de segunda-feira passada, disseram-nos que “alguém” lá por São Paulo, não acreditando de maneira alguma em boa figura por parte dos clubes gaúchos e mineiros no Torneio Roberto Gomes Pedrosa, e justificando sua concordância para o ingresso deles no certame, teria dito que “de gaúcho e mineiro só queremos o dinheiro”. E agora, o que dirão? Nossa dupla aqui em casa ainda não perdeu para ninguém. Nem para cariocas, nem para paulistas. E olha que já “passamos” alguns dos melhores clubes do Brasil.⁷³

No dia 29 de março, o Grêmio derrotou o Flamengo no Maracanã, por 2 a 1; e jogando no mesmo estádio empatou com o Bangu (campeão carioca de 1966) em 1 a 1, em 2 de abril. No dia seguinte, a *Folha* publicou uma matéria cujo título era “Torcida Gaúcha Vai ao Aeroporto Receber os Invictos do Maracanã”, iniciada com o seguinte trecho:

Uma apoteótica recepção deverá ser tributada à delegação do Grêmio Porto-Alegrense, que regressa da Guanabara, hoje, devendo chegar ao aeroporto Salgado Filho, pelo Electra da Varig, às 11h50m. A direção do Grêmio e, em especial, o Comitê do Robertão, está convocando os esportistas gaúchos para brindarem os atletas e dirigentes tricolores com uma monumental recepção, pois, souberam, mais uma vez, levar o nome do futebol gaúcho onde sempre mereceu estar, ou seja, lado a lado com as grandes equipes brasileiras. Adeptos do Grêmio e Internacional, aficionados de todas as demais entidades esportivas no Estado, deverão estar presentes hoje no Salgado Filho, irmanados, como têm estado até aqui, no incentivo aos atletas gaúchos que disputam o Robertão.⁷⁴

Se havia motivos para comemoração, também os havia para reclamação, expressada no editorial do mesmo dia 3 de abril, em referência às afirmações do técnico do Cruzeiro – que estaria em Porto Alegre no dia 9, para enfrentar o Internacional – quanto a uma

⁷³ *Folha da Tarde Esportiva*, 27 de março de 1967, p. 20.

⁷⁴ *Folha da Tarde Esportiva*, 3 de abril de 1967, p. 3.

suposta “violência” do futebol do Rio Grande do Sul, mesmo que os jogadores de fora do Estado não tivessem reclamado do comportamento tanto da torcida como dos jogadores.

Causa por isso mesmo estranheza a maneira agressiva como o técnico Airton Moreira, do Cruzeiro de Belo Horizonte, se refere ao nosso futebol. Lendo-se a entrevista que Folha da Tarde divulgou em sua edição de sábado, e concedida em São Paulo, tem-se a impressão de que só ganhamos à custa de botinadas e violência. Será assim mesmo? Nenhum dos técnicos que aqui esteve acusou os gaúchos de tal procedimento. E o Cruzeiro, quando aqui veio para a última Taça Brasil, tampouco fez qualquer reparo à conduta de nossos jogadores, embora tivesse empatado com o Grêmio e perdido, em “match” amistoso, para o Internacional.⁷⁵

Tal editorial talvez servisse para motivar jogadores e torcedores para a partida contra o campeão da Taça Brasil de 1966, que contava com grandes jogadores, como Tostão. O fato é que em 9 de abril, o Inter derrotou o Cruzeiro por 2 a 1. Aconteceu outra cena significativa da união entre gremistas e colorados nesse jogo, registrada por uma câmera fotográfica: em meio aos torcedores do Inter, era agitada uma bandeira do Grêmio, e o torcedor que a sacudia não sofria represálias⁷⁶.

Em 17 de abril, Amaro Júnior conclamou as torcidas dos dois clubes a comparecerem aos jogos que Inter e Grêmio respectivamente disputariam contra o Fluminense na semana que se seguiria, em nome não mais do “prestígio da dupla Gre-Nal”, mas sim “do próprio futebol do Rio Grande do Sul”⁷⁷. O Fluminense perderia seus dois jogos no Estádio Olímpico: 3 a 0 para o Internacional e 3 a 1 para o Grêmio.

Os bons resultados motivaram a publicação de um artigo com o título “Um Minuano Bem Gaúcho Está Começando a Soprar Forte...”, comentando a situação de momento do Torneio Roberto Gomes Pedrosa, em que Grêmio e Internacional brigavam pela classificação à fase final – o anseio era pelo Rio Grande do Sul “retomar o terceiro posto” passara a ser maior, o de ser “a segunda força”:

O fato é um só: o Rio Grande do Sul pode provar neste torneio que é segunda ou até primeira força técnica do futebol do país. Só precisa, para isso, alento de sua torcida, e que continue a soprar o alegre “Minuano” que irrompeu no “Robertão” neste fim de semana...⁷⁸

A vitória do Grêmio sobre o Cruzeiro por 1 a 0, no Olímpico, dia 7 de maio, teve um significado especial para o futebol do Rio Grande do Sul. O resultado não apenas deixou o Grêmio muito perto da classificação, como também serviu para garantir o Internacional na fase final do Torneio Roberto Gomes Pedrosa. E o fato foi comemorado por gremistas e colorados, inclusive com bandeiras dos dois clubes sendo agitadas lado a

⁷⁵ Idem, p. 4.

⁷⁶ Ver: *Folha da Tarde Esportiva*, 10 de abril de 1967, p. 21.

⁷⁷ Idem, p. 22.

⁷⁸ *Folha da Tarde Esportiva*, 24 de abril de 1967, p. 16.

lado nas arquibancadas do Olímpico, conforme registrado em uma fotografia⁷⁹. Um diálogo entre o vice-presidente do Inter, Rafael Strougo, e o presidente do Grêmio, Rudy Armin Petry, em que o primeiro cumprimentava o segundo pela vitória, mostrou o espírito de cordialidade vigente: “- Parabéns presidente! Foi uma bela vitória. Ao que o dirigente do pentacampeão respondeu: - Obrigado! Meus cumprimentos também pela classificação do Internacional.”⁸⁰. Em sua coluna, Amaro Júnior afirmava ser o Rio Grande do Sul a segunda força do futebol nacional – ou seja, que havia superado a disputa com Minas Gerais pelo terceiro posto, que já não representava mais a grandeza do futebol riograndense, considerados os resultados do “Robertão”:

Sempre se afirmou que o futebol carioca representava a segunda força em nosso país, havendo dúvidas quanto à terceira: Rio Grande do Sul ou Minas Gerais. Agora, com os resultados do Robertão, já a esta altura os gaúchos podem ser considerados não a terceira, mas a segunda força, substituindo os cariocas que, com cinco clubes no torneio, não classificaram nenhum para as finais. Nós, com dois apenas, quase certos teremos ambos na roda da decisão. Portanto de parabéns o futebol do Rio Grande do Sul.⁸¹

A classificação do Grêmio foi obtida com um empate em 1 a 1 contra a Portuguesa, no Olímpico, em 14 de maio. Mais uma vez, foi feita uma fotografia simbólica da “torcida Gre-Nal”, em que o filho do presidente gremista vestia uma camisa do Grêmio, mas segurava uma bandeira do Internacional⁸². O editorial da *Folha da Tarde Esportiva*, com o título “Afirmção”, começava afirmando que a classificação dos dois gaúchos era uma surpresa para os “experts” em futebol, mas também reconhecia: “Nunca duvidamos da capacidade do nosso ‘soccer’, comprovada, de modo particular, no Pan-Americano de 56, no México, no de 60, em Costa Rica”⁸³. Mas, com a classificação para a fase final do “Robertão”, os clubes gaúchos demonstravam sua importância futebolística e, principalmente, econômica – devido às boas rendas em Porto Alegre – ao país. E o presidente gremista afirmou:

“Que dizer depois desse espetáculo maravilhoso que tivemos hoje no Olímpico? Nós, os gaúchos, colocamos duas entre as quatro melhores equipes do Brasil. É uma consagração. A prova definitiva de que o nosso futebol há muito atingiu a maioria. E em todos os sentidos.”⁸⁴

Porém, tal “afirmação do futebol gaúcho” parecia não ser reconhecida, pelo que dizia Amaro Júnior. Já aconteciam as discussões quanto ao Torneio Roberto Gomes Pedrosa de 1968, que a CBD já manifestara interesse de organizar, no lugar das federações

⁷⁹ Ver: *Folha da Tarde Esportiva*, 8 de maio de 1967, p. 20.

⁸⁰ Idem, p. 20.

⁸¹ Idem, p. 22.

⁸² Ver: *Folha da Tarde Esportiva*, 15 de maio de 1967, p. 22.

⁸³ Idem, p. 4.

⁸⁴ Idem, p. 21.

Paulista e Carioca. O presidente da entidade de São Paulo era favorável, porém os cariocas eram contrários, e propuseram a disputa organizada de maneira a garantir que a fase final não ficasse sem nenhum clube do Rio de Janeiro ou de São Paulo – e teriam convencido os paulistas, motivando a reação do colunista:

É uma gracinha. Desse jeito é preferível mandarmos esses cavalheiros às favas e organizarmos aqui, em Montevideú e em Buenos Aires, um torneio internacional, o qual dará, na certa, rendas excelentes através de grandes jogos. E esses pândegos ainda falam em salvar o futebol brasileiro. O que eles estão procurando salvar é a própria “cara”.⁸⁵

Posteriormente, seria decidido pela organização da CBD no “Robertão” de 1968, que se chamaria oficialmente de “Taça de Prata”.

Na fase final, Grêmio e Internacional juntaram-se a Palmeiras e Corinthians, para apontar o campeão do “Robertão” de 1967. O quadrangular era mais importante nesta “afirmação do futebol gaúcho” não apenas por definir o campeão, mas também porque os dois clubes de Porto Alegre jogaram contra os paulistas não apenas em Porto Alegre, mas também em São Paulo, no formato de “turno e retorno”, enquanto na primeira fase haviam disputado a maioria das partidas em Porto Alegre, com o propósito de se obter maiores arrecadações com a presença de importantes equipes do centro do país na capital riograndense: acreditava-se que Grêmio e Internacional não levariam grande público aos estádios do eixo Rio-São Paulo.

Antes mesmo da última rodada, que aconteceria em 7 de junho, o editorial da *Folha da Tarde Esportiva* retomava a idéia de que o futebol riograndense havia se afirmado nacionalmente, visto que o Inter tinha uma pequena possibilidade de título – dependeria de combinação de uma vitória sua contra o Corinthians, mais uma vitória do Grêmio sobre o Palmeiras em São Paulo, que não aconteceu.

De qualquer maneira, mostramos que não foi por um golpe de sorte ou por favorecimento do carnê, que chegamos às finais. Realmente, embora não estivéssemos talvez preparados para uma campanha tão longa e árdua como essa, que se estende já por três meses corridos, nossos dois times estiveram, sempre, à altura das melhores tradições do associativo gaúcho, justificando plenamente sua inclusão no certame. Nas finais, o Inter jogou duas vezes em São Paulo e voltou com três pontos⁸⁶, e o Grêmio, que esteve menos feliz, perdeu para o Corinthians (*sic*) no Pacaembu, mais por um lance desastrado de um de seus defensores, que depois de ter a bola dominada, escorregou e foi ao chão, permitindo a penetração irresistível de um avante do Parque São Jorge. Mas o que é particularmente importante neste último RGP, já que em 68 passará a se denominar “Taça de Prata”, é o seu notável sucesso financeiro, que excedeu, de certo modo, às melhores previsões. Isto reconhece mesmo a imprensa carioca, que – desde a desclassificação de seus times – tem se mostrado um tanto discreta no noticiário do torneio. (...) É claro que as vantagens não ficaram apenas aí, mas no intercâmbio mais ativo de centros importantes e, como assinalou o deputado Mendonça Falcão para o presidente da Federação Carioca, no “rejuvenescimento das reservas de nossa seleção”, graças ao que revelaram,

⁸⁵ Idem, p. 22.

⁸⁶ O que, então, significava uma vitória e um empate, já que eram atribuídos dois pontos ao time vencedor.

sobretudo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais. Hoje, ao se formar um selecionado nacional, acrescentou o prócer bandeirante, não se poderá ignorar mais craques como Vilson Piazza, Dirceu Lopes, Tostão, Alcindo, Bráulio, Everaldo, Sérgio Lopes etc. É a pura verdade. O RGP foi tudo isso – rasgando perspectivas novas ao futebol brasileiro – e para nós a grata confirmação de que não nos iludíamos ao pleitear, com tenacidade, o direito de mostrar o que, efetivamente, valíamos (*sic*) ao mundo esportivo brasileiro.⁸⁷

Pelas palavras do presidente da Federação Paulista, agora realmente poderia se falar em uma “afirmação” do futebol do Rio Grande do Sul, visto que Mendonça Falcão chamava a atenção para jogadores de Grêmio e Internacional, que não poderiam mais ser ignorados pelas convocações para a Seleção Brasileira.

No Torneio Roberto Gomes Pedrosa de 1967, o título ficou com o Palmeiras. Porém, o Rio Grande do Sul conquistou o segundo lugar, com o Internacional. O terceiro lugar ficou com o Corinthians, e o quarto com o Grêmio.

De fato, as afirmações do presidente da Federação Paulista se refletiram na convocação da Seleção Brasileira, em junho de 1967. Cinco jogadores do Rio Grande do Sul – Everaldo, Alcindo e Volmir, do Grêmio; Scala e Sadi, do Internacional – foram chamados para a disputa da Copa Rio Branco⁸⁸, contra o Uruguai, em que as duas equipes dividiram o título após três empates. Dos “gaúchos”, Everaldo foi titular nas três partidas, Alcindo e Volmir entraram em campo no primeiro jogo, e Sadi no segundo e no terceiro⁸⁹.

A “união gaúcha” foi novamente defendida nas páginas da *Folha da Tarde Esportiva* na Taça de Prata de 1968, novo nome do Torneio Roberto Gomes Pedrosa, agora organizado pela CBD, mas ainda chamado popularmente de “Robertão”. O sistema de “caixa único” da dupla Gre-Nal adotado em 1967 foi mantido. Mesmo após o Rio Grande do Sul ter seus jogadores convocados para a Seleção Brasileira, e também do reconhecimento por parte do presidente da Federação Paulista, persistia a idéia de que o Rio Grande era “marginalizado”, e por isso devia “mostrar seu valor ao Brasil”. E que isso só seria possível com a união entre as torcidas rivais.

No dia 7 de setembro, artigo de Ataíde Ferreira com o título “Torcida gaúcha está unida de novo” chamava a atenção para a reedição da “torcida Gre-Nal” de 1967, após a realização de dois campeonatos estaduais – vencidos pelo Grêmio – nos quais a “regra” era a rivalidade: no jogo do Inter com o Palmeiras, realizado três dias antes, gremistas aplaudiram a equipe colorada e vaiaram os paulistas. No “Robertão”, como escreveu,

⁸⁷ *Folha da Tarde Esportiva*, 5 de junho de 1967, p. 4.

⁸⁸ Ver: *Folha da Tarde Esportiva*, 12 de junho de 1967, p. 15.

⁸⁹ Ver: *RSSSF Brasil*. Arquivo da Seleção Brasileira Principal, 1967-1968. Disponível em: <<http://www.chancedegol.com.br/rsssfbrazil/sel/brazil196768.htm>>, acesso em 30 de novembro de 2009.

não existem vermelhos nem tricolores. Todos são aquilo de que, autenticamente, nos orgulhamos: gaúchos. Isso é o certo. Não somos contra ninguém. Somos gaúchos.⁹⁰

Porém, já no início do torneio a “união gaúcha” dava mostras de que se dava com menor intensidade em comparação com o ano anterior. Aparício Viana e Silva manifestou preocupação com o fato do jogo Atlético Paranaense *versus* Santos, em Curitiba, registrar grande arrecadação mesmo que a ausência de Pelé tenha sido anteriormente divulgada, e também que os jogos na capital paranaense proporcionavam maiores rendas.

Tenho a impressão que um detalhe importantíssimo está contribuindo sobremaneira para tal situação. É que a torcida do Inter não está indo aos jogos do Grêmio e vice-versa. É preciso, e sem tardanças, que o torcedor seja motivado para assistir a todos os cotejos. Parece que ele ainda não se deu conta de que todas as partidas interessam direta ou indiretamente à dupla, pois a perda de pontos “deles” é sempre importante, pertença a que grupo pertencer o perdedor...⁹¹

Ou seja: o apoio ao rival em nome da “afirmação do futebol gaúcho” – econômica ou tecnicamente – parecia já não fazer muito sentido aos torcedores, ainda mais após dois campeonatos estaduais. Assim, restava apelar ao regulamento: todos os clubes se enfrentavam, mas para efeito de classificação, eram divididos em dois grupos; muitas vezes, o adversário do Grêmio em uma partida era do mesmo grupo do Internacional, e vice-versa. Era o mesmo regulamento de 1967, quando torcedores de um clube apoiavam o rival mesmo quando o visitante não era adversário direto na classificação.

A preocupação de Aparício Viana e Silva quanto ao “crescimento do Paraná” repetiu-se em sua coluna de dois dias depois:

Eu não disse pra vocês que o futebol do Paraná está “afiadíssimo” e até ameaça “roubar” a nossa hegemonia no Sul do País? Querem um exemplo notável? Então, lá vai ele: o presidente da Federação Paranaense de Futebol, dr. José Milani, esteve no Rio, onde vai com alguma frequência”, e conseguiu um jogo da seleção “canarinho” do Brasil, em Curitiba, no dia 13 de novembro próximo, quando serão inaugurados os refletores do Estádio “Belfort Duarte”, do Curitiba. A CBD terá uma cota mínima de 100 mil cruzeiros novos e, além disso, todas as despesas com a delegação cebedense correrão por conta da Federação araucariana. Está claro, portanto, que serão invertidos uns 150 mil novos no sensacional empreendimento. Alguém, por aqui, teria coragem de “se meter” num negócio desses? Creio que nem bêbado...⁹²

Uma matéria em 16 de setembro informou que gremistas iriam torcer pelo Inter na partida que seria realizada no dia 18, contra o Vasco da Gama – do mesmo grupo do Grêmio. “Como o Vasco é da chave do Grêmio, claro está que os torcedores do Olímpico vão bradar por um triunfo rubro”⁹³. A “união gaúcha” dava ainda mais mostras de que se resumia aos momentos em que houvesse benefícios diretos a um ou outro clube, independentemente do sentimento regional. No dia seguinte, em sua coluna, Aparício

⁹⁰ *Folha da Tarde Esportiva*, 7 de setembro de 1968, p. 8.

⁹¹ *Folha da Tarde Esportiva*, 10 de setembro de 1968, p. 13.

⁹² *Folha da Tarde Esportiva*, 12 de setembro de 1968, p. 14.

⁹³ *Folha da Tarde Esportiva*, 16 de setembro de 1968, p. 18.

Viana e Silva comenta sobre o quão benéfica aos dois clubes seria uma vitória colorada sobre o Vasco, lembrando que o clube do Rio estava na mesma chave do Grêmio:

O Vasco da Gama, animado pela estréia vitoriosa ante a Portuguesa, em São Paulo, já está entre nós, pronto para o jogo de amanhã, contra o Internacional. Taí, sem dúvida, um prélio de enorme interesse para a dupla Gre-Nal. Uma derrota do Vasco constitui o grande desejo de todos. O Inter precisa vencer, a fim de consolidar a sua esplêndida classificação no Grupo “A”, ao passo que o Grêmio, com a vitória do Inter, ou a derrota do Vasco (é provável que se prefira dizer assim...) será também o grande beneficiado, já que o clube cruzmaltino da Guanabara pertence ao seu Grupo “B” passaria a contar com 2 pontos negativos e não com 4 positivos, o que é mais desagradável (para nós, certamente), conquistados fora de casa. Por tudo isso, fácil é a conclusão: o Vasco virou inimigo comum da dupla famosa. O negócio, portanto, é o Inter “papar” o Almirante amanhã...⁹⁴

No dia seguinte ao jogo do Inter contra o Vasco, Antônio Carlos Porto comentou em sua coluna sobre o comportamento das torcidas, dizendo que os gremistas presentes ao estádio se empolgaram com algumas jogadas coloradas, e que “Quem não torceu a favor do Inter, o fez para que o Vasco perdesse... Cada um torce como quer e sabe, não acham?”⁹⁵.

Em outubro de 1968, surgiram queixas quanto a pouca consideração que seria dada ao Rio Grande do Sul na convocação da Seleção Brasileira que disputaria amistosos no mês seguinte. Do Estado, foram convocados os gremistas Alberto e Everaldo, mas havia a impressão de que o Rio Grande “merecia mais”, e que bons jogadores haviam sido preteridos por outros inferiores do centro do país:

A alegria de Alberto e Everaldo, sem favor algum, poderia ser juntada à de Scala, Sadi, Alcindo, Bráulio e Dorinho. E os gaúchos não estão pedindo favores a ninguém. Nosso Estado, futebolisticamente, tem direitos adquiridos. Merecia uma melhor consideração dos demagogos dirigentes da nossa seleção. Por que não levar Sadi, brilhante em todas as oportunidades que teve na última gira da Europa? Mas Aimoré convocou Paulo Henrique, convocou Nilo. Reconhece-se que o ex-lateral do Zé-Barroso está superando todas as expectativas. Mas Paulo Henrique? Alcindo, Bráulio e Dorinho, outros três sacrificados. O “bugre”, por exemplo: goleador dos gaúchos no Robertão. Em segundo lugar na tabela geral de artilheiros, ao lado de Pelé e outros tantos. Mas Aimoré levou Jairzinho, levou Leivinha. O grande “crime” foi Scala. O melhor zagueiro-central do Brasil, na atualidade, esnobando, mas esnobando mesmo, aos “jurandires” e “britos” que foram chamados. É a política, novamente. A política que nos tirou o tri na Inglaterra.⁹⁶

Nos jogos amistosos realizados, o Brasil perdeu para o México em pleno Maracanã, mas venceu o mesmo adversário no Mineirão, três dias depois. No jogo de Belo Horizonte, a Seleção foi vaiada ao entrar e sair de campo, porque, nas palavras de Aparício Viana e Silva, “A torcida achou que tinha pouco mineiro na seleção. É o danoso regionalismo que anteriormente existia entre cariocas e paulistas, mas que agora atingiu a outras áreas do País.”⁹⁷ – o que não deixava de ser irônico, dadas as queixas dos gaúchos.

⁹⁴ *Folha da Tarde Esportiva*, 17 de setembro de 1968, p. 13.

⁹⁵ *Folha da Tarde Esportiva*, 19 de setembro de 1968, p. 15.

⁹⁶ *Folha da Tarde Esportiva*, 26 de outubro de 1968, p. 8.

⁹⁷ *Folha da Tarde Esportiva*, 5 de novembro de 1968, p. 13.

No dia 20 de novembro, uma reportagem – porém, muito mais uma opinião – de Ataíde Ferreira⁹⁸, tratou sobre as supostas diferenças entre o futebol riograndense e o de outros Estados. Comentou as proclamações de mineiros, paulistas e cariocas: os primeiros, que inicialmente almejavam ser a terceira força do futebol nacional, depois da conquista da Taça Brasil de 1966 pelo Cruzeiro passariam a querer o primeiro posto; os paulistas se consideravam – e com razão, segundo Ferreira – a primeira força; já os cariocas também reivindicavam tal posto de “liderança nacional”, mesmo que os resultados no “Robertão” não fossem bons. Enquanto isso, os riograndenses, com simplicidade, reconheceriam a qualidade de seu futebol, sem exaltá-lo exageradamente, nem falar em ser “terceira ou segunda força”. O que entra em contradição com diversas matérias e colunas anteriormente publicadas na Folha da Tarde Esportiva, em que se comemorava o “crescimento do futebol gaúcho”, e que este já seria a “segunda força do país”.

Ao final da primeira fase do “Robertão” de 1968, ainda haveria uma convocação à “torcida gaúcha”, pela classificação do Internacional à fase final do torneio. Para Aparício Viana e Silva, era preciso lotar o Estádio Olímpico para que o Inter passasse pelo Cruzeiro. “Conclamo, daqui, a torcida gaúcha, e em especial a massa torcedora colorada, a comparecer ao Olímpico, logo mais, a fim de incentivar os rapazes do Inter a um triunfo, já que ele constituirá a melhor resposta do gaúcho a todas as manhas e artimanhas do inimigo.”⁹⁹ – havia temores quanto a “roubo” da arbitragem contra o Internacional.

O Inter obteve a classificação ao vencer por 2 a 1, juntando-se a Santos, Vasco da Gama e Palmeiras. Aparício Viana e Silva festejou a classificação colorada, que “reafirmou o prestígio do nosso futebol”¹⁰⁰ – que, segundo o próprio, mesmo que o Inter fosse eliminada não seria abalado, já que os dois clubes de Porto Alegre haviam ficado à frente de grandes clubes do futebol brasileiro, inclusive sem perder para nenhum carioca.

Na fase final, o Internacional repetiu 1967, e alcançou o vice-campeonato. O que serviu para “confirmar” a força do futebol do Estado, segundo reportagem assinada por Ataíde Ferreira, intitulada “Agora a Diferença é Apenas Geográfica”:

A colocação de Internacional e Grêmio, em 67, foi atribuída a tudo, menos ao valor do futebol dos pampas. Uns argumentaram que colorados e tricolores haviam disputado o maior número de jogos em Porto Alegre. Esqueceram que o Grêmio, por exemplo, ganhou do Flamengo e empatou com o Bangu no Maracanã, quando esses dois eram grandes realmente. (...) Aos que argumentaram que os gaúchos tiveram sorte em 67, aí está a resposta. O Robertão de 68 foi apenas a oportunidade para a comprovação de que nosso futebol não precisa mais mendigar,

⁹⁸ *Folha da Tarde Esportiva*, 20 de novembro de 1968, p. 10-11.

⁹⁹ *Folha da Tarde Esportiva*, 30 de novembro de 1968, p. 13.

¹⁰⁰ *Folha da Tarde Esportiva*, 3 de dezembro de 1968, p. 13.

em sentido algum. A diferença que existe continua sendo a mesma. É apenas uma questão geográfica. Digam o que quiserem. Os números estão aí. Sorte e coincidência não acontecem dezenas de vezes.¹⁰¹

Na Taça de Prata de 1969, não se repetiria a “torcida gaúcha”. O regime de caixa único foi extinto, visto que o Internacional não precisava mais jogar no Olímpico, por ter inaugurado seu novo estádio, o Gigante da Beira-Rio. Assim como o “Comitê do Robertão”, em que os dois clubes trabalhavam juntos pela organização dos jogos em Porto Alegre pelo Torneio. A partir de 1969, seria “cada um por si” – ainda mais após os acontecimentos verificados após o clássico Gre-Nal realizado no festival de inauguração do Beira-Rio, que não chegou ao final devido a uma briga generalizada entre os jogadores, que esfriou as relações entre os clubes. O discurso da “necessidade de afirmação do futebol gaúcho” passaria para o âmbito da Seleção Brasileira.

4.2. Everaldo, “o nosso tricampeão” (1970)

A convocação de jogadores “gaúchos” para a Seleção Brasileira a partir de 1967 foi vista, conforme já foi dito, como consequência da “afirmação” proporcionada pela participação de Grêmio e Internacional no Torneio Roberto Gomes Pedrosa ampliado para além de São Paulo e Rio de Janeiro. Afinal, os melhores jogadores do Rio Grande do Sul não eram mais “invisíveis” ao centro do país, o que antes acontecia devido ao relativo isolamento do futebol do Estado, proporcionado pela distância. Ou seja, deixar de convocá-los em benefício de outros de qualidade técnica igual ou inferior mas que atuavam no centro do país não tinha mais a simples explicação “geográfica”. Ou até poderia ter, mas o argumento da “invisibilidade” não fazia mais sentido.

Assim, para os colunistas da *Folha da Tarde Esportiva*, a não convocação de determinados jogadores de Grêmio ou Internacional passou a ganhar maiores conotações de “desconsideração ao futebol gaúcho”. Como já se viu no episódio da lista de convocados para os amistosos da Seleção em novembro de 1968, quando dois “gaúchos” haviam sido chamados, porém, havia a queixa quanto aos “que poderiam ter sido convocados”. Com a contratação de João Saldanha para treinar a Seleção, houve esperanças de uma maior lembrança dos “gaúchos”, já que o novo técnico, apesar de há anos viver no Rio de Janeiro, era nascido em Alegrete. Mas a situação não se alterou, com os pouco riograndenses convocados sendo relegados à condição de reserva. Mesmo com a

¹⁰¹ *Folha da Tarde Esportiva*, 12 de dezembro de 1968, p. 12-13.

chegada à presidência do Brasil do general Emílio Garrastazu Médici, que além de apaixonado por futebol (era torcedor fanático do Grêmio), era nascido em Bagé e se apresentava como um legítimo “gaúcho”¹⁰², o que se viu foi a intervenção presidencial não pela convocação de jogadores do Estado, mas sim por Dario, do Atlético Mineiro, que supostamente teria causado a saída de João Saldanha e sua substituição por Mário Zagalo.

Para a Copa do Mundo de 1970, dentre os “gaúchos”, eram cotados para integrar a Seleção o zagueiro Scala, do Internacional, e o lateral esquerdo Everaldo, do Grêmio. Porém, Scala acabou se lesionando, e ficou fora do Mundial. Já Everaldo, inicialmente seria reserva de Marco Antônio, do Fluminense. Porém, pouco antes da estréia, o lateral carioca sentiu o peso da responsabilidade – “amarelou”, no jargão futebolístico – e acabou perdendo a titularidade para o gremista, por recomendação dos jogadores mais experientes – Carlos Alberto, Gerson e Pelé. Retornou à titularidade em duas partidas durante a Copa devido a uma lesão de Everaldo, que se recuperou para jogar a semifinal e a final.

No Mundial, a Seleção Brasileira marcou época. Venceu seus seis jogos, e conquistou o título ao golear a Itália por 4 a 1. A Taça Jules Rimet, disputada desde 1930 e cuja posse seria transitória até a primeira seleção conquistá-la pela terceira vez, tinha agora um único dono. A FIFA teria de criar um novo troféu para a Copa do Mundo de Futebol, que entraria em disputa no Mundial de 1974, na Alemanha Ocidental.

Vários jogadores são lembrados até os dias atuais como símbolos do “futebol-arte”: Tostão, Clodoaldo, Rivelino, Jairzinho, e claro, Pelé. Virariam mais do que “heróis do tricampeonato”, mas seriam de fato considerados “heróis nacionais”, em um contexto de intensa campanha ufanista por parte do regime militar brasileiro.

Porém, no Rio Grande do Sul, ninguém foi mais exaltado que Everaldo. O lateral, que segundo Guazzelli teve “desempenho discreto, porém eficiente”¹⁰³, foi elevado a um *status* de “herói do tri” no Estado. Para se ter uma idéia, a capa da “Folha Esportiva”¹⁰⁴ no dia seguinte à conquista não mostrava Pelé, nem mesmo o capitão Carlos Alberto (que atuava na lateral direita) levantando a Taça Jules Rimet. O destaque era para Everaldo, “o nosso tricampeão”¹⁰⁵. Que, mesmo antes da conquista brasileira, já tinha ganhado um

¹⁰² Ver: GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. Op. Cit., p. 27.

¹⁰³ Idem, ibidem, p. 28.

¹⁰⁴ Em 12 de novembro de 1969 a Folha da Tarde Esportiva deixou de circular, tornando-se um caderno do novo tablóide da Caldas Júnior, a *Folha da Manhã*, chamado “Folha Esportiva”, cuja numeração de páginas seguia a do jornal. Assim, a capa da “Folha Esportiva” não era a página 1, e sim, variava de acordo com a *Folha da Manhã* – na maioria das edições, correspondia à página 13.

¹⁰⁵ “Folha Esportiva”. *Folha da Manhã*, 22 de junho de 1970, p. 13.

presente de uma concessionária de automóveis de Porto Alegre: um Dodge Dart zero quilômetro¹⁰⁶, um dos carros mais desejados da época, por sua atuação na Copa.

A página com a imagem de Everaldo, “o nosso tricampeão”, já circulava em uma edição especial da Folha da Manhã, veiculada no mesmo dia da final da Copa do Mundo – vale lembrar que o jornal não circulava aos domingos, mas em 21 de junho de 1970 abriu uma exceção devido à conquista da Seleção Brasileira. Abaixo da fotografia do lateral, um curto texto sem assinatura – mas que se pode dizer representar a opinião não apenas da Folha da Manhã, como da própria Companhia Jornalística Caldas Júnior, visto que continha a marca que caracterizava a cobertura realizada por seus veículos (jornais e a Rádio Guaíba) da Copa – exaltava o futebolista do Grêmio:

No início, quatro eram os gaúchos da seleção. Depois, Scala, lesionado, voltou, Saldanha e Russo foram desligados. Sobrou Everaldo, que ganhou a camisa nº 16 porque chegou ao México na condição de reserva de Marco Antônio. Mas, o seu destino estava traçado – começou no time que bateu a Tcheco-Eslováquia e confirmou a sua condição de grande craque. Foi, nesta campanha memorável, o melhor jogador de defesa dos tricampeões.¹⁰⁷

Vale lembrar que a defesa era considerada o setor mais fraco daquela Seleção Brasileira, a ponto de seus integrantes serem pouco lembrados quando se rememora a conquista.

Na mesma edição, homenageando Everaldo se encontravam também o anúncio da concessionária de automóveis que o presenteou¹⁰⁸, de uma empresa de elevadores de Porto Alegre¹⁰⁹, e também do Grêmio¹¹⁰, que aproveitava a oportunidade para tentar conquistar novos sócios. Poucos dias depois, até o Internacional publicaria anúncio homenageando o jogador gremista, afirmando que “o povo colorado o saudava”¹¹¹.

Porém, a conquista também era momento de exaltação à “integração nacional” por parte do governo, e que repercutia na imprensa. O Brasil “unia-se” em torno da Seleção – e com Everaldo, ficava claro que o Rio Grande do Sul fazia parte desta “união nacional”. Antônio Carlos Porto ia além dos jogadores, e lembrava inclusive o presidente Médici:

Bendito sejas tu futebol que dá ao povo deste Brasil abençoado tantas alegrias; que transformas um General Presidente, S. Excia Garrastazu Médici, num torcedor de voz rouca, emocionado e que, ao microfone da Guaíba, num sensacional trabalho de Adroaldo Streck teve até dificuldades em externar a euforia que lhe ia na alma, que cinges no fantástico e único nivelador democrático que é o abraço de todos, sem distinção. Jamais a integração brasileira foi tão una e emocionante e nunca fomos tão irmãos quanto nesta noite. Hosanas ao final, que terminou com a posse definitiva da Jules Rimet, a famosa Copa do Mundo que morreu na tarde

¹⁰⁶ Em uma triste coincidência, seria neste mesmo carro que Everaldo sofreria um acidente fatal na noite de 27 de outubro de 1974.

¹⁰⁷ “Folha Esportiva”. *Folha da Manhã*, 21 de junho de 1970, p. 20.

¹⁰⁸ Idem, p. 8.

¹⁰⁹ Idem, p. 11.

¹¹⁰ Idem, p. 9.

¹¹¹ “Folha Esportiva”. *Folha da Manhã*, 24 de junho de 1970, p. 19.

mexicana de 21 de junho de 1970 para viver eternamente no Brasil. Aqui e só aqui a Copa merecia ficar para sempre.¹¹²

O governo federal decretou feriado nacional em 23 de junho, para comemorar a chegada da Seleção Brasileira ao país. Os jogadores foram recebidos em Brasília por Médici, que fez questão de posar para fotografias junto aos campeões, de modo a ele ser também um “tricampeão” e aumentar sua popularidade.

No mesmo dia em que o país parava para receber os craques, no Rio Grande do Sul começava a ser criada a imagem de Everaldo como “herói do tricampeonato”. Na capa da “Folha Esportiva”, matéria assinada por Antônio Carlos Porto lembrava a importância de o Grêmio ter vencido a resistência à contratação de atletas negros, que proporcionou ao clube a honra de ter um jogador seu, negro, como “primeiro gaúcho campeão do mundo”¹¹³. Na mesma edição, há elogios ao técnico Zagalo por parte do colunista Amaro Júnior, por ter retomado “o bom senso e a preocupação de dominar o adversário não com rompantes ferozes, mas com o bom jogo calmo e cadenciado que sempre foi apanágio dos brasileiros”¹¹⁴. Ou seja, tratava-se de um elogio, de certa forma, a um estilo mais “brasileiro” de jogo, em contraponto ao futebol “veloz” promovido por Saldanha.

No dia 25 de junho, matéria de capa da “Folha Esportiva” tratava da ideia de que todos os jogadores da Seleção eram heróis nacionais, porém, consagrava Everaldo como “herói nacional dos gaúchos”, que mereceu uma das maiores recepções a uma pessoa já vistas em Porto Alegre: “Mas Everaldo é o herói nacional dos gaúchos. Everaldo vale muito mais. Por isso, todo o povo foi às ruas, com as bandeiras e os papéis picados e os foguetes. Todos foram recepcionar o campeão.”¹¹⁵ – ou seja, Everaldo valeria mais do que Pelé, Tostão, Rivelino, craques até hoje lembrados em todo o Brasil por sua importância na conquista de 1970. No Rio Grande do Sul, Everaldo “vale mais” – talvez por ter sido o único a ser recepcionado em Porto Alegre, visto que o grupo inteiro desfilara em carro aberto apenas em Brasília e no Rio.

Everaldo era mais do que a representação do Estado, era o “Rio Grande campeão do mundo”: depois de uma longa luta pela afirmação a nível nacional de seu futebol, os riograndenses não apenas a conquistavam, como também superavam os próprios limites do Brasil e “se afirmavam mundialmente”.

¹¹² “Folha Esportiva”. *Folha da Manhã*, 22 de junho de 1970, p. 29.

¹¹³ “Folha Esportiva”. *Folha da Manhã*, 23 de junho de 1970, p. 13.

¹¹⁴ *Idem*, p. 24.

¹¹⁵ “Folha Esportiva”. *Folha da Manhã*, 25 de junho de 1970, p. 13.

4.3. “Jean Marie, o Brasil vai até o Chui”. A crise da Taça Independência (1972)

Após a Copa do Mundo de 1970, Everaldo manteve a titularidade na Seleção Brasileira, sem contestações¹¹⁶, nos amistosos disputados entre 1970 e 1972. Inclusive, na conquista da Copa Roca em 1971, contra a Argentina em Buenos Aires, o Brasil jogou com dois “gaúchos”: além de Everaldo, também entrara em campo Claudiomiro, do Internacional. No dia 26 de abril de 1972, em amistoso no Estádio Beira-Rio que foi parte da celebração de abertura da Olimpíada do Exército, realizada em Porto Alegre, o Brasil derrotou o Paraguai por 3 a 2 com Everaldo em campo durante os 90 minutos. Porém, o lateral já não vinha tendo atuações tão boas quanto em 1970, o que fez Lauro Quadros manifestar preocupação em sua coluna “Olheiro”, quanto a uma possível substituição por Marco Antônio, que fora seu reserva na Copa do Mundo:

Também acho que Everaldo não é mais aquele. Mas quantos tricampeões não atravessam boa fase e continuam prestigiados? Além disso, Zagalo deu uma declaração de morrer de rir: ‘Faz muito tempo que não vejo o Everaldo jogar. O Marco Antônio eu vejo todos os domingos’. Peraí, arruma outra, velhão! Pra esse problema só há duas soluções, ambas inviáveis: ou o Everaldo vai jogar no Rio, pra ser visto pelo Seu Zagalo, ou o Seu Zagalo vem treinar em Porto Alegre, pra ver o Everaldo. Devagar, meu bem!¹¹⁷

Ou seja, o colunista já temia que o fato de jogar no Rio Grande do Sul resultasse em prejuízo a Everaldo, por este “não ser visto” pelo técnico da Seleção, que “não sai do Rio”.

No mesmo dia, Aparício Viana e Silva repercutiu em sua coluna a polêmica provocada pela possibilidade de Everaldo ser substituído por Marco Antônio já contra o Paraguai: “Bastou uma revista publicar que o nosso Everaldo, com 27 anos, perderá o lugar para Marco Antônio, com 21, e já se formou uma guerrinha na província. A gauchada está alçada e nem quero ver a vaia que o Gigante inteirinho tributará ao Zagalo se isso acontecer”¹¹⁸. Antônio Carlos Porto considerou que Zagalo não iria correr o risco de não escalar Everaldo em uma partida realizada em Porto Alegre, mas concordava que a tendência seria, em longo prazo, que Marco Antônio assumisse a titularidade¹¹⁹. No dia seguinte, o colunista elogiou Everaldo, considerando-o o melhor da defesa brasileira¹²⁰, que era considerada fraca.

Em junho, teria início a Taça Independência, também conhecida como “Minicopa”, que serviria para celebrar os 150 anos da independência política do Brasil. A convocação

¹¹⁶ Ver: GUZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. Op. Cit., p. 35.

¹¹⁷ “Folha Esportiva”. *Folha da Manhã*, 26 de abril de 1972, p. 15.

¹¹⁸ Idem, p. 21.

¹¹⁹ Ver: Idem, p. 25.

¹²⁰ Ver: “Folha Esportiva”. *Folha da Manhã*, 27 de abril de 1972, p. 23.

da Seleção Brasileira que disputaria o torneio se daria em 15 de maio, e havia expectativa no Rio Grande do Sul pela convocação de mais um “gaúcho”: além de Everaldo, Claudiomiro, do Internacional, era cotado para integrar o grupo.

Um dia antes da convocação, foi realizado no Beira-Rio um amistoso entre uma “Seleção Gaúcha” – na realidade, um combinado de jogadores do Grêmio e do Internacional – treinada pelo colunista da *Folha Esportiva* Aparício Viana e Silva, e a do Uruguai. Os “gaúchos” venceram o jogo por 3 a 2, resultado que empolgou o presidente da Federação Gaúcha, Rubens Hoffmeister, que falou em “desafiar qualquer seleção regional”¹²¹. Havia a expectativa quanto à presença do técnico da Seleção Brasileira, Zagalo, que não compareceu.

Na lista de convocados para a “Minicopa”, o nome de Everaldo não apareceu. Nem o de Claudiomiro. O Rio Grande do Sul não teria nenhum jogador “seu” na Seleção que disputaria o torneio. Começava assim uma seqüência de reclamações em tom mais forte por parte dos colunistas da *Folha Esportiva* quanto aos critérios para a convocação de jogadores. Lauro Quadros as iniciou:

OLHA GENTE: a convocação do Zagalo, 24 horas depois daquele banho que demos nos uruguaiois, é uma vergonha. Um monte de cariocas, um pouco (*sic*) de paulistas, vários mineiros e nenhum gaúcho. Com toda a força do nosso futebol, comprovada reiteradamente, é dose! Querem uma prova da sujeira? Everaldo foi o único tricampeão desconvidado. Por Rodrigues Neto, do Flamengo de Zagalo. Para o Rio Grande do Sul, uma punhalada, tal como o esquecimento de Claudiomiro. Agora eu sei porque o Zagalo não veio ao Beira-Rio, domingo. Aliás, depois dessa, nem precisa vir mais.¹²²

Conforme já foi dito, havia a impressão de que Everaldo acabaria perdendo a titularidade. Mas não se imaginava que chegaria a ficar de fora de uma convocação – ainda mais para uma competição que celebraria o sesquicentenário da independência do Brasil, ou seja, seria um momento de manifestar a “brasilidade”. Daí a origem da reclamação dos riograndenses. Antônio Carlos Porto, em sua coluna, sugeriu uma retaliação a João Havelange, presidente da CBD, nos jogos que seriam realizados em Porto Alegre pela “Minicopa”: “O João Havelange vai sentir nas bilheterias a reação dos gaúchos, quando de Tcheco-Eslováquia x Escócia e Uruguai frente ao campeão do Grupo Um. Não vai dar para pagar a bola...”¹²³.

No dia seguinte, Ataíde Ferreira, em sua coluna “Bola em jogo”, cogita que a não convocação de Everaldo seja uma “revanche carioca” (visto que Zagalo o trocou por

¹²¹ “Folha Esportiva”. *Folha da Manhã*, 15 de maio de 1972, p. 21.

¹²² “Folha Esportiva”. *Folha da Manhã*, 16 de maio de 1972, p. 15.

¹²³ *Idem*, p. 23.

Rodrigues Neto, do Flamengo, clube também treinado pelo técnico da Seleção), visto que os clubes riograndenses teriam ampla vantagem sobre os do Rio de Janeiro – o que também é lembrado por Antônio Carlos Porto¹²⁴. Mas reconhece: “O melhor futebol do Brasil está em São Paulo. O maior número de convocados é do Rio (11 jogadores)”¹²⁵. O que estava em consonância com queixas existentes inclusive em São Paulo – mesmo que os clubes do Rio tivessem feito altos investimentos em reforços.

Uma matéria da revista *Placar*, de circulação nacional, contestou a enxurrada de críticas contra a convocação “carioca” de Zagalo, acusando-as de “regionalistas”, e considerou o corte de Everaldo “discutível”, mas plenamente justificável.

Os são-paulinos reclamam que não têm nenhum jogador na Seleção. Quem mandou vender o Gerson? Os paulistas chamam ante a ausência de César ou Toninho. Mas Leivinha entrou de surpresa, no lugar do carioca Roberto, e ninguém fala nada. Todos se perguntam quem é esse tal de Rodrigues Neto, mas esquecem de reclamar contra a convocação do garoto Washington. A realidade é que nenhuma convocação consegue agradar a todo mundo. As críticas, aqui e ali, são válidas, mas as acusações de regionalismo e clubismo que fazem a Zagalo partem, justamente, de princípios regionalistas e clubistas. Gauchadas à parte, esta Seleção tem catorze tricampeões do mundo e os cortes são todos justificáveis ou explicáveis: Ado está operado; Baldocchi atravessa má fase; Fontana não entrou em cogitações; Joel não está jogando; Roberto teve a sua chance e não a aproveitou bem; Pelé renunciou; Edu não pode mesmo barrar Rivelino ou Paulo César (mesmo como ponta ofensivo, está pior que Lula). Resta o corte de Everaldo, o único discutível. Zagalo alega razões técnicas: Marco Antônio é o titular, com característica marcadamente ofensiva, e seu reserva deve ter o mesmo estilo; Rodrigues Neto tem, assim como Zé Carlos, do Santos. Foi uma questão de opção do técnico.¹²⁶

Porém, tal “opção do técnico” foi, para Everaldo, uma injustiça não com ele, e sim com outros laterais, já que Rodrigues Neto era originalmente ponteiro esquerdo: “O que me deixou triste, é que outros laterais, como o Gilberto do São Paulo, Pedrinho do Corinthians, Zé Carlos do Santos e tantos outros, foram injustiçados.”¹²⁷ – coincidentemente (ou não), os citados eram de clubes de São Paulo.

Aparício Viana e Silva – que treinou a “Seleção Gaúcha” vitoriosa contra o Uruguai, dias antes – não poupou sequer os paulistas e os mineiros, embora fizesse uma crítica mais aberta ao “carioquismo”:

Para mim, é o malsinado carioquismo que volta a imperar na nossa seleção. Vejam isto: Zagalo convocou 10 jogadores da Guanabara, 8 de São Paulo e 4 de Minas Gerais. É a volta do eixo Rio-São Paulo-Minas, sob o comando dos raposões de Copacabana.¹²⁸

Lauro Quadros criticou inclusive as tentativas de aproximação dos riograndenses com os países platinos, considerando-as como “fugas”.

¹²⁴ Ver: “Folha Esportiva”. *Folha da Manhã*, 17 de maio de 1972, p. 23.

¹²⁵ Idem, p. 14.

¹²⁶ *Placar*, 26 de maio de 1972, p. 8.

¹²⁷ “Folha Esportiva”. *Folha da Manhã*, 17 de maio de 1972, p. 16.

¹²⁸ Idem, p. 21.

E VOLTO a dizer: a aproximação com Argentina, Uruguai e Paraguai, Copa Atlântico, é muito bacaninha e tudo, mas é fuga também. O nosso negócio é, em primeiro lugar, o direito que temos de integrar as coisas do Brasil, tricampeão do mundo, do qual fazemos parte. Se desistirmos deste objetivo, consolando-nos com o intercâmbio do Prata, estaremos afundando cada vez mais. E quando quisermos reagir, será irreversivelmente tarde.¹²⁹

As críticas da imprensa do Rio Grande do Sul à convocação de Zagalo e, principalmente, as ameaças quanto a um grande prejuízo financeiro dos jogos da “Minicopa” em Porto Alegre devido a um possível boicote do público, geraram reação do presidente da CBD, João Havelange, que considerou tal ato – o boicote à competição que, em tese, celebraria os 150 anos da independência do Brasil – como uma atitude antipatriótica. Palavras confirmadas em nota oficial:

Agora, não ir à Taça? Não vamos fazer nada. E eles apenas vão dar uma demonstração à Nação de que não têm sentimento de brasilidade para um evento que deve tocar a todos. Porque foi esse o sentido da integração, apresentar ao mundo os nossos doze principais estádios. Por isso o comportamento da CBD.¹³⁰

Os colunistas da *Folha Esportiva* responderam com ironia: em diversas oportunidades, passaram a referir-se ao torneio como “microcopa” e ao dirigente por seu nome de batismo, “Jean Marie”¹³¹, de modo a afirmar que ele era o “estrangeiro”.

As declarações de Havelange acirraram os ânimos dos colunistas e da “opinião pública” no Rio Grande do Sul, e tiveram reflexos políticos: um vereador de Porto Alegre propôs que o presidente da CBD fosse declarado *persona non grata* na capital do Estado – o que significaria, oficialmente, que “Jean Marie” não seria bem-vindo a Porto Alegre. Antônio Carlos Porto, antes de a proposta ser apresentada na Câmara de Porto Alegre, já afirmava que Havelange e a CBD “não eram bem-vindos ao Rio Grande”, e que os riograndenses não deviam quaisquer “lições de brasilidade”:

Até por uma questão de cheiro, poluição ou coisas desta ordem, vamos dispensar qualquer lição de brasilidade que parta do próspero empresário Jean Marie, presidente full-time da CBD. Não vamos invocar os sentimentos de brasilidade de nossa gente e trazer os múltiplos exemplos. Infantilidade ou maldade o chamamento deste sentimento para as coisas simples do futebol, especialmente em se tratando de uma “microcopa” vergonhosamente desprezada pelas seleções mais representativas do Velho Mundo. (...) É de se negar discutir com o Jean a nobreza e a generosidade de sentimentos pátrios da gente gaúcha, nem mais nem menos brasileira do que qualquer outra de nossa Federação. Ou o próspero presidente cebedense se filia à estúpida corrente de que somos mais influenciados pelos castelhanos, como aconteceu em anos passados? A quem ele terá que responder, especialmente porque foi questionado, é para S. Excia. o Governador Euclides Triches. Em telegrama, o Governador pediu que o João confirmasse o que saiu publicado no Correio do Povo. Não sei da resposta. Terá que ser muito

¹²⁹ “Folha Esportiva”. *Folha da Manhã*, 18 de maio de 1972, p. 15.

¹³⁰ “Folha Esportiva”. *Folha da Manhã*, 25 de maio de 1972, p. 25.

¹³¹ Brasileiro de origem belga, o então presidente da CBD é registrado com o nome *Jean Marie Faustin de Godefroid Havelange*. Inclusive Eduardo Galeano considera as opiniões de Havelange “muito pouco brasileiras”. Ver: GALEANO, Eduardo. Op. Cit., p. 166-167.

claro. Do contrário, periga um outro gaúcho, lá de Brasília, também querer saber se os seus conterrâneos não têm sentimentos de brasilidade...¹³²

O “gaúcho de Brasília” era o presidente Emílio Garrastazu Médici, cujo “sentimento de brasilidade” nunca fora posto à prova, ainda mais que seu governo estimulava ampla campanha ufanista – e se utilizando bastante do futebol e da Seleção Brasileira para tal, principalmente após a conquista da Copa do Mundo de 1970. De certo modo, tal referência queria dizer que ao contestar a “brasilidade” dos riograndenses, Havelange cometia a ousadia de criticar o Presidente da República – o que seria realmente uma atitude por demais ousada, na situação vivida pelo Brasil, em que as oposições tinham pouco ou nenhum espaço e muitas pessoas estavam presas por motivos políticos, sob risco de torturas. E também significava a esperança de que Médici, que supostamente influenciara a escolha dos jogadores que foram à Copa do Mundo no México em 1970, impusesse a Zagalo a convocação de “gaúchos”.

Como “resposta” da FGF à não convocação de Everaldo, surgiu a proposta de que a Seleção Brasileira, que tinha amistoso marcado para 17 de junho em Porto Alegre, jogasse contra o “combinado gaúcho” que vencera o Uruguai recentemente, para “acalmar os ânimos”. Se a CBD não aceitasse, seria desaconselhada a promover jogos da “Minicopa” em Porto Alegre. Era uma tentativa de “negociação” entre o presidente da entidade estadual, Rubens Hoffmeister, e seu “particular amigo” Havelange, idéia criticada por não resolver a questão da “marginalização do futebol gaúcho”.

Porém, a tendência era da CBD marcar para Porto Alegre um confronto da Seleção Brasileira principal contra um clube alemão – também seria realizada uma preliminar, com a Seleção Olímpica que se preparava para os Jogos de Munique, que contava com quatro “gaúchos”. Porém, a insistência da CBD em um adversário alemão para a Seleção principal no Beira-Rio recebeu uma pronta “explicação” de Amaro Júnior:

Nem a CBD sabe direito até agora contra quem jogará a chamada Seleção Brasileira aqui no Beira-Rio, dia 17. Faz questão que seja frente a um time alemão, pois, dizem lá pelos seus corredores, que por estas bandas somos todos meio germânicos e, por isso, iremos “cair” direitinho com o nosso dinheiro nas bilheterias para ver os “patricios”.¹³³

Ou seja: a insistência em convidar um clube alemão – que no fim seria o Hamburgo – para enfrentar a Seleção em Porto Alegre se deveria a uma errônea idéia, supostamente corrente no centro do país, de que no Rio Grande do Sul os habitantes seriam mais “alemães” do que brasileiros, o que significaria ignorar a existência de numerosas etnias no Estado –

¹³² “Folha Esportiva”. *Folha da Manhã*, 18 de maio de 1972, p. 23.

¹³³ “Folha Esportiva”. *Folha da Manhã*, 1º de junho de 1972, p. 14.

reforçando o sentimento de “marginalização”, visto que o “desconvocado” Everaldo sequer se enquadrava no estereótipo atribuído aos riograndenses: sendo negro, desta forma o lateral gremista teria sido “ignorado” devido a um preconceito contra o Rio Grande do Sul.

As críticas, que se dirigiam à CBD, também passaram a ser feitas à FGF, por não ter reagido “à altura” à não convocação de Everaldo. Amaro Júnior afirmou que

Esperava-se um canhão e saiu apenas um traque, ou seja aquele vergonhoso ofício “desafiando” o time canarinho para jogar, justamente no dia 17 próximo, com o onze que o Aparício alinha sem nenhum mistério, acrescentando que, no caso da não aceitação do “desafio” seria desaconselhável qualquer partida da “Micro” aqui em Porto Alegre. A resposta a tal esdrúxula missiva veio agora, dizendo o “nosso articular” que por decisão da Comissão Técnica – só dela – tal encontro não poderá ser realizado, mas – a título de consolação ou deboche – o tricampeão gaúcho estava escalado para enfrentar – na preliminar – o esquadrão teoricamente amadorista que defenderá as nossas cores nos Jogos Olímpicos deste ano. É como que dizendo: vamos mostrar que esses tais gaúchos não são de nada, pois seu tricampeão apenas tem capacidade e gabarito para enfrentar a gurizada do Antoninho.¹³⁴

Ou seja: não bastasse a não convocação dos jogadores “gaúchos”, a CBD praticamente impunha ao Internacional – então tricampeão estadual (1969-1971) – que enfrentasse a Seleção Olímpica, oficialmente amadora, ignorando os compromissos do clube pelo campeonato estadual (teria de jogar um dia depois contra o Brasil, em Pelotas). Sinal de que a “reação” da FGF contra a CBD não apenas não fora “à altura”, como de que os gaúchos e sua própria entidade futebolística continuavam desprestigiados. Com a declaração do presidente colorado Carlos Stechman de que o Inter atuaria com reservas no dia 17, o colunista Ataíde Ferreira parabenizou-o, e deu mais uma “hipótese” quanto à escolha do Internacional para enfrentar a Seleção Olímpica: “O que eles (do Rio) querem é, no caso de uma vitória sobre o colorado, dizer que os gaúchos não podiam ter convocados para a seleção”¹³⁵.

No início de junho, Lauro Quadros foi a Minas Gerais acompanhar as partidas que a Seleção Brasileira lá disputou. Comentou a pressão da imprensa local pela escalação de Dario, do Atlético Mineiro, no lugar de Tostão, que havia trocado o Cruzeiro pelo Vasco.

E sabem por que, não é? Ora, ora, Tostão é do Vasco, agora, não interessa mais, sinto até na rua, nos bares, em toda a parte, uma reação incontrolada contra o mineirinho de ouro, mágoa por ele ter deixado o Cruzeiro. E esse espírito de revolta se reflete, até mesmo, no trabalho da crônica especializada, que a pressão pra escalar Dario no lugar de Tostão, objetivamente comprova. E nós gaúchos – alguns de nós – quando chamamos, e ainda em situações muito especiais como a da desconvocação de Everaldo, há quem fale em exagero...¹³⁶

Quando das afirmações de Lauro Quadros, FGF e CBD anunciavam um acordo: a Seleção Olímpica faria a preliminar de 17 de junho contra o Hamburgo; a partida principal,

¹³⁴ “Folha Esportiva”. *Folha da Manhã*, 6 de junho de 1972, p. 14.

¹³⁵ “Folha Esportiva”. *Folha da Manhã*, 7 de junho de 1972, p. 14.

¹³⁶ “Folha Esportiva”. *Folha da Manhã*, 13 de junho de 1972, p. 15.

seria entre o “combinado Gre-Nal”, treinado por Aparício Viana e Silva, e a Seleção Brasileira principal, de Zagalo. As rendas da tarde seriam revertidas a obras sociais do Estado, e foram feitas tratativas para que imperasse um clima cordial na partida. O que não convenceu Antônio Carlos Porto:

Penso, tão somente, que é uma cartada das mais perigosas. Brado aos céus para que nada aconteça. Um arranhão mais profundo numa das canelas tão preciosas da moçada da CBD poderá gerar, então sim, uma onda de que o gaúcho não tem “sentimentos de brasilidade”, como há pouco foi dito que acabom (*sic*) fazendo nascer um mundo de protestos.¹³⁷

Ataíde Ferreira criticaria a marcação da partida, considerando que o aceite por parte da CBD teria a intenção de amainar os ânimos, mas sem resolver a questão quanto às convocações da Seleção.

Fala-se, agora, que está tudo bem novamente entre gaúchos e CBD. Uma ova. Acham, por acaso, que trazer a seleção brasileira para jogar com o combinado Gre-Nal é o bastante? Ninguém pediu isso. E muito menos que a seleção brasileira viesse de graça. O que se exigiu foi um tratamento honesto, criterioso com o futebol que provou, em 5 anos, ser superior ao carioca e igual ao paulista.¹³⁸

Amaro Júnior, embora crítico à realização do jogo, considerou que este era fruto principalmente das atitudes tomadas pela imprensa riograndense, mais do que de acordo entre Hoffmeister e Havelange:

O Jean Marie, como se vê, está muito cordato e até quer homenagear o público gaúcho, mas a mudança de sua atitude não foi ditada pela submissão do incondicional “amigo”, mas, sim, pela grita da nossa imprensa protestando unanimemente contra o desrespeito que a CBD vem tendo com o futebol do Rio Grande do Sul.¹³⁹

Lauro Quadros condenou a realização da partida, com um questionamento pertinente:

O que estávamos pretendendo, afinal, jogar contra a seleção ou ter nela representantes gaúchos, por merecimento e justiça? Poderíamos, até, querer as duas coisas, não vejo incompatibilidade, mas jamais misturarmos uma com a outra, estabelecendo uma alternativa pueril: ou nos convocam ou joguem conosco, pra ver o que é bom.¹⁴⁰

Inclusive considerou que uma eventual vitória “gaúcha” sobre a Seleção Brasileira seria “glória passageira, efêmera”, e que o fundamental seria o “depois”: se os “gaúchos” passariam a ter maiores possibilidades de convocação ou não.

A realização da partida também desagradou ao presidente do Brasil de Pelotas, Clóvis Russomano: o confronto entre o clube pelotense e o Internacional, que estava marcado para 18 de junho, foi transferido para uma semana depois, assim como toda a rodada do campeonato estadual, para a disputa entre “Seleção Gre-Nal” e Seleção

¹³⁷ Idem, p. 23.

¹³⁸ “Folha Esportiva”. *Folha da Manhã*, 14 de junho de 1972, p. 14.

¹³⁹ Idem, p. 14.

¹⁴⁰ Idem, p. 15.

Brasileira. Russomano considerou a transferência da rodada sem consulta aos clubes como uma atitude prepotente da FGF, “ainda mais para a realização de um jogo entre seleções de um mesmo país. Para mim e meus companheiros este jogo entre as seleções gaúcha e brasileira será uma luta fratricida (*sic*)”¹⁴¹. O dirigente afirmou que pediria ao Ministro da Educação, “em nome da unidade nacional e da integração brasileira”, o cancelamento do jogo. “Integração”, que era a palavra de ordem das políticas do regime militar, era invocada contra o jogo entre “gaúchos” e “brasileiros”, que lhe representaria uma ameaça.

À medida que o dia do jogo se aproximou, os ânimos se acirraram ainda mais. Nilo Vaz, escrevendo interinamente a coluna de Aparício Viana e Silva – que passara a dedicar-se aos treinos da Seleção Gre-Nal – afirmou:

Sobre o jogo com a Seleção Brasileira, a certeza de uma posição plenamente definida: somos um país inimigo. Desde que o brasileiro Jean Marie negou nosso espírito de brasilidade, foi declarada a guerra. Não é isso, amizade? Pois, vamos ao jogo – nós torcedores, é bom esclarecer – com fúria. E queremos ganhar, não só para responder ao esquecimento da CBD, mas principalmente para justificar uma posição. E este jogo, seja qual for sua origem, é uma oportunidade que temos.¹⁴²

A seqüência de palavras – “o brasileiro Jean Marie” – pode parecer uma manifestação de estranhamento ao Brasil por parte do colunista que seria “não brasileiro”. Mas revela a ironia que já foi vista: Havelange nasceu no país, mas tinha um nome “estrangeiro”, resultado de sua ascendência belga, que não combinaria com o adjetivo “brasileiro”.

No mesmo dia em que Nilo Vaz falava sobre o Rio Grande do Sul como “um país inimigo”, repercutiam as vaias sofridas pela Seleção Brasileira em Belo Horizonte, que para Amaro Júnior foi “coisa que nos trouxe o consolo de não sermos somente nós, os gaúchos, os que não têm noções de brasilidade”¹⁴³. Sinal de que a Seleção, tão contestada pelos riograndenses, também não era unanimidade em Minas Gerais, mesmo com quatro convocados “mineiros”: apenas um, Vantuir, fora titular no amistoso contra o Hamburgo. Ainda mais se levado em consideração que o sentimento predominante no meio futebolístico e na crônica esportiva do Rio Grande do Sul era o de que o Estado tinha um futebol tão forte quanto Minas Gerais – o que tornava necessário não se levar em consideração que os mineiros já detinham dois títulos nacionais (além da Taça Brasil conquistada pelo Cruzeiro em 1966, havia também o primeiro Campeonato Brasileiro, realizado em 1971 e vencido pelo Atlético Mineiro). Não por acaso, Lauro Quadros já chamara anteriormente a atenção para o fato de em Minas Gerais ser exigida a presença

¹⁴¹ Idem, p. 19.

¹⁴² “Folha Esportiva”. *Folha da Manhã*, 15 de junho de 1972, p. 21.

¹⁴³ Idem, p. 14.

dos “mineiros” da Seleção no time titular, enquanto “os pobrezinhos do Rio Grande do Sul estão dispostos a se contentar com um joguinho contra os bons, que grande significado terá mesmo é pra nós”¹⁴⁴.

O “grande significado” do jogo indicava que as mágoas existentes contra a CBD poderiam transformar-se em hostilidade. O que despertava temor quanto a uma piora das relações entre Rio Grande do Sul e o restante do Brasil, quando o maior anseio dos riograndenses era justamente serem mais bem tratados pelo centro do país. O presidente da FGF assim chegou a ameaçar com punição jogadores que atuassem de maneira ríspida contra a Seleção Brasileira. O Internacional, cujo estádio seria palco da partida, divulgou nota oficial pedindo à torcida que tratasse a Seleção com cordialidade¹⁴⁵.

No dia do jogo, um sábado, a Folha Esportiva tratava em sua capa a partida como “um grande teste” para a Seleção. Que, na véspera, fora bem recebida, inclusive com flores, no Aeroporto Salgado Filho. Procurava-se evitar ao máximo um clima de guerra. Carbone, jogador do Internacional, afirmava: “Vamos é jogar e não treinar. Não haverá brutalidade por parte de ninguém, pois tencionamos mostrar que temos futebol aqui no sul”¹⁴⁶. Antônio Carlos Porto pede que não haja “revanchismo” contra os jogadores da Seleção, visto que não eram eles os “inimigos”: “Os jogadores, que nada têm com os outros acontecimentos, estão a nos merecer o maior carinho, grande respeito e toda a nossa fraternidade. Para os atletas, este é o sentimento da torcida gaúcha”¹⁴⁷.

Porém, a expectativa para o jogo era enorme, como bem descreveu Lauro Quadros:

SABEM o que é? O Estado inteiro em torno de uma mesma equipe, os gaúchos magoados pela marginalização, a oportunidade de lavar a alma, o ressentimento, a raiva, o entusiasmo, a hora e a vez. Do outro lado, valorizando uma possível vitória, a seleção Tricampeã do Mundo, invicta há 29 partidas, querendo chegar à trigésima. Pode haver maior motivação?¹⁴⁸

Na preliminar, a Seleção Olímpica derrotou o Hamburgo pelo placar de 4 a 1, sendo bastante aplaudida pela torcida. Já a partida de fundo, atração principal que resultou no maior público já registrado no Beira-Rio (110 mil pessoas), acabou empatada em 3 a 3, e em nenhum momento a Seleção Brasileira esteve à frente no marcador. Embora tenha entrado em campo junto com o “combinado Gre-Nal”, os dois times carregando uma bandeira do Brasil, a Seleção foi intensamente vaiada pelo público. Inclusive, segundo Guazzelli, houve queima de bandeiras do Brasil por parte de torcedores, que a censura não

¹⁴⁴ “Folha Esportiva”. *Folha da Manhã*, 14 de junho de 1972, p. 15.

¹⁴⁵ “Folha Esportiva”. *Folha da Manhã*, 16 de junho de 1972, p. 25.

¹⁴⁶ “Folha Esportiva”. *Folha da Manhã*, 17 de junho de 1972, p. 18.

¹⁴⁷ *Idem*, p. 23.

¹⁴⁸ *Idem*, p. 15.

permitiu à imprensa que divulgasse¹⁴⁹. O público também lembrou Havelange e sua afirmação quanto à “falta de brasilidade” dos riograndenses, com uma faixa: “Jean Marie, o Brasil vai até o Chuí”.

Na segunda-feira, 19 de junho, Luís Fernando Veríssimo falou sobre o jogo em sua coluna na *Folha da Manhã*.

Mas a questão não é essa, dirá o Leitor Mais Afrontado. Mostramos ao Zagalo que o futebol gaúcho não pode ser desprezado. E eu respondo que não mostramos ao Zagalo nada e que o futebol gaúcho tanto pode que continua sendo desprezado. O próprio jogo foi um gesto de desprezo. Vieram aqui nos acalmar, mandaram o circo para distrair os nativos, nos trataram – merecidamente – com a paternal condescendência que todo provinciano recebe da corte, e pronto. O que vamos fazer agora, pedir revanche? O mal do protesto passional é que as suas razões se extinguem quando termina a paixão. E todas as legítimas perguntas que se poderia fazer sobre critérios de convocação e as contradições do Zagalo serão, de agora em diante, anticlimáticas. O clímax foi o jogo de sábado. A província teve o seu dia de circo, agora que se acalme.¹⁵⁰

De certa forma, Veríssimo repetia o que já fora comentado anteriormente: o que os riograndenses desejavam não era “lavar a alma” contra a Seleção Brasileira, e sim, fazerem parte dela. Situação não mudada pelo jogo. Como Amaro Júnior lembraria.

Enfim, empatamos com “eles”. Nossa “alma está lavada”. Mas daí? O que sobra? O quadro que irá representar o nosso país nos jogos finais dessa fracassada “Copinha” ora em realização, continuará sem qualquer jogador do Rio Grande do Sul onde, segundo o próprio sr. Zagalo, “se pratica um dos melhores futebolis do mundo”, mas mesmo assim, não tem ninguém com capacidade bastante para envergar a jaqueta da representação nacional. Isso faz pensar que não há na CBD alguém que conheça geografia bastante, pois, ao que parece, para a turma do sr. Jean Marie o Brasil termina em São Paulo.¹⁵¹

A própria idéia de que o Rio Grande do Sul era deixado em segundo plano pelo centro do país, tanto no futebol como na política, não se alterou com a realização da partida – que inclusive contribuiu para passar a imagem de um Estado “pouco brasileiro”, como provam comentários feitos por comentaristas da imprensa do centro do país, como o narrador Luís Mendes, que afirmou que as vaias à Seleção foram uma atitude “antibrasileira” dos torcedores presentes ao Beira-Rio¹⁵².

4.4. A manutenção de uma identidade periférica

O anseio pela “afirmação nacional” do futebol do Rio Grande do Sul reflete a própria identidade riograndense, cujo maior símbolo, o gaúcho, é também considerado “um modelo de brasileiro”. Quando tal condição não é reconhecida – o que se verificou em

¹⁴⁹ Ver: GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. O dia em que o Rio Grande vaiou o Brasil. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009, n. 48, p. 49.

¹⁵⁰ *Folha da Manhã*, 19 de junho de 1972, p. 4.

¹⁵¹ “Folha Esportiva”. *Folha da Manhã*, 20 de junho de 1972, p. 14.

¹⁵² Ver: “Folha Esportiva”. *Folha da Manhã*, 19 de junho de 1972, p. 26.

diversos momentos, seja na política, seja no próprio futebol – a relação entre riograndenses e demais brasileiros entra em “crise”, com os gaúchos reclamando de sua “marginalização” no cenário nacional – um discurso constantemente reatualizado na história do Estado¹⁵³. Seja no futebol, seja em aspectos gerais, a relação entre a identidade riograndense e a considerada “nacional” no Brasil vai ao encontro do que diz Bourdieu a respeito das reivindicações de reconhecimento de identidades regionais:

Quando os dominados nas relações de forças simbólicas entram na luta em estado isolado, como é o caso nas interações da vida quotidiana, não têm outra escolha a não ser a da aceitação (resignada ou provocante, submissa ou revoltada) da definição dominante da sua identidade ou da busca da *assimilação* a qual supõe um trabalho que faça desaparecer todos os sinais destinados a lembrar o estigma (no estilo de vida, no vestuário, na pronúncia, etc.) e que tenha em vista propor, por meio de estratégias de dissimulação ou de embuste, a imagem de si o menos afastada possível da identidade legítima. Diferente destas estratégias que encerram o reconhecimento da identidade dominante e portanto dos critérios apropriados a construí-la como legítima, a luta colectiva pela subversão das relações de força simbólicas – que tem em vista não a supressão das características estigmatizadas mas a destruição da tábua dos valores que as constitui como estigmas –, que procura impor senão novos princípios de di-visão, pelo menos uma inversão dos sinais atribuídos às classes produzidos segundo os antigos princípios, é um esforço pela autonomia, entendida como poder de definir os princípios de definição do mundo social em conformidade com os seus próprios interesses (pondo-se à prova na vergonha ou na timidez ou procurando acabar com o velho homem mediante um esforço de *correção*). A revolução simbólica contra a dominação simbólica e os efeitos de *intimidação* que ela exerce tem em jogo não, como se diz, a conquista ou a reconquista de uma identidade, mas a reapropriação colectiva deste poder sobre os princípios de construção e de avaliação de sua própria identidade de que o dominado abdica em proveito do dominante enquanto aceita ser negado ou negar-se (e negar os que, entre os seus, não querem ou não podem negar-se) para se fazer reconhecer.¹⁵⁴

No caso do Rio Grande do Sul, são verificados aspectos tanto de luta pela subversão da ordem simbólica que produz a identidade dominante, quanto de sua aceitação: características estigmatizadas, como a influência “castelhana” no Estado – da qual se origina a figura do gaúcho – eram rejeitadas na produção da identidade regional. Ao mesmo tempo, o “gaúcho brasileiro”, que defendera “com bravura” a fronteira meridional do Brasil e assim provara ser “o mais nacional dentre os nacionais”, não era reconhecido como tal no centro do país, o que tornava necessária a reafirmação de sua condição de brasileiro.

Em 1930, quando da candidatura de Getúlio Vargas à presidência do Brasil, houve um pacto entre as duas principais forças políticas do Rio Grande do Sul, Partido Republicano Riograndense (PRR) e Partido Libertador (PL). Vargas, que era do PRR, obteve apoio dos dois partidos rivais para tentar se eleger presidente: PRR e PL esqueciam – ao menos temporariamente – suas divergências que já haviam provocado duas guerras

¹⁵³ Ver: OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação*. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 62.

¹⁵⁴ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p. 124-125.

civis no Estado desde a implantação do regime republicano (1889), em nome de colocar um “gaúcho” na presidência, que também enfrentaria a crise econômica que o Brasil começava a enfrentar, fruto da quebra da Bolsa de Nova Iorque em outubro de 1929, que atingiria praticamente todo o mundo.

O Rio Grande do Sul era a terceira economia do Brasil, mas estava alijado do poder nacional devido ao acordo entre as oligarquias dos dois Estados mais importantes economicamente (São Paulo e Minas Gerais), a chamada “política do café-com-leite”. Assim, mesmo com sua força, o Rio Grande do Sul não tinha chances de eleger um presidente: o Marechal Hermes da Fonseca chegara ao poder representando o Exército, não o Estado – embora se diga que durante seu período como presidente (1910-1914), quem de fato teria governado o Brasil fosse o senador José Gomes Pinheiro Machado, nascido em Cruz Alta, que se lembrado faria com que a idéia de “marginalização” perdesse um pouco do sentido. Em 1930, com a ruptura entre São Paulo e Minas Gerais – que não acontecia pela primeira vez – os riograndenses perceberam a oportunidade de colocarem um representante do Estado na presidência, com o apoio mineiro. Getúlio Vargas perdeu a eleição para Júlio Prestes, mas se instalou na presidência com a Revolução de 1930, simbolizada pela cena emblemática dos gaúchos amarrando seus cavalos no obelisco da Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro: os riograndenses chegavam ao poder nacional, representados por Vargas. Após a proclamação do “Estado Novo” por Vargas, em 1937, foi realizada uma cerimônia de queima das bandeiras estaduais – inclusive a do Rio Grande do Sul – em nome da “unidade brasileira”. Ou seja: o Rio Grande tinha um representante “seu” no poder, mas não tinha mais autonomia como Estado da Federação. Porém, com o processo de industrialização no Brasil iniciado por Vargas, se diz que o Rio Grande do Sul “prestou um bem à nação” em 1930.

Os riograndenses voltaram a ter oportunidade de “mostrar sua importância” ao Brasil em 1961. Com a renúncia do presidente Jânio Quadros, em 25 de agosto, o país quase entrou em guerra civil: os ministros militares vetaram a posse do vice-presidente João Goulart (“gaúcho” de São Borja, assim como Getúlio Vargas), pois temiam suas “tendências esquerdistas”¹⁵⁵. O governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, convocou a população para resistir ao golpe que se encaminhava. Goulart entrou no Brasil pelo Estado, onde recebeu apoio até mesmo dos opositores a Brizola – ou seja, o Rio

¹⁵⁵ Temor “justificado” pelo fato de Goulart encontrar-se em visita oficial à República Popular da China – vulgarmente chamada de “China Comunista” – quando da renúncia de Quadros.

Grande estava “unido”, assim como em 1930. Tomou posse em 7 de setembro, mas com seus poderes diminuídos devido à emenda parlamentarista aprovada em caráter emergencial para acabar com a crise. Assim, “os gaúchos salvaram o Brasil” – idéia ilusória, pois não foi apenas o Rio Grande do Sul que teve movimentos de resistência

Pode-se dizer que essa “união gaúcha” que se deu na política foi derrotada com o golpe militar de 1964. O novo regime procurou impedir críticas ao governo e à situação do Brasil. Reivindicações sociais, e também as regionais, passaram a ter raríssimos espaços. Tanto em atos públicos como na imprensa, alvo de censura prévia.

Se na política o Rio Grande do Sul não tinha mais como “mostrar seu valor ao Brasil” – mesmo que generais riograndenses assumissem a presidência, caso de Arthur da Costa e Silva em 1967 – restava um espaço para tal, que era o futebol. Que assim como a economia em 1930 e a política em 1961, estava em “crise”: fruto do fracasso brasileiro na Copa do Mundo de 1966. Porém, havia a ressalva feita pela *Folha da Tarde Esportiva*: o Rio Grande só teria sucesso na empreitada caso se unisse. Assim, quando da primeira participação de Grêmio e Internacional no Torneio Roberto Gomes Pedrosa, verificou-se a chamada “torcida Gre-Nal”, com fãs de um clube apoiando o rival “pelo progresso do futebol gaúcho” – tanto em termo de resultados como de rendas, visto que baixas arrecadações poderiam ter como conseqüência a exclusão dos “gaúchos” das edições posteriores do torneio. A “integração” da dupla Gre-Nal ao cenário nacional era considerada também um progresso do próprio futebol brasileiro, visto que os bons jogadores do futebol do Rio Grande do Sul teriam maior visibilidade e, conseqüentemente, maior possibilidade de convocação para a Seleção.

De fato, a boa campanha de Grêmio e Internacional no Torneio Roberto Gomes Pedrosa de 1967 resultou em cinco “gaúchos” convocados para a Seleção Brasileira que disputou a Copa Rio Branco contra a Seleção Uruguaia, no mês de junho. Ao final daquele “Robertão”, a idéia de “afirmação” do Rio Grande do Sul predominava nos espaços de opinião – editorial e colunas sobre futebol – da *Folha da Tarde Esportiva*. Mesmo que ainda existissem algumas queixas quanto à pouca consideração do “futebol gaúcho” – como, por exemplo, afirmações de que a boa campanha de Grêmio e Internacional se devia ao fato de jogarem a maioria de suas partidas em Porto Alegre.

Ou seja, um discurso de “marginalização” do Rio Grande do Sul manteve-se mesmo após a inclusão dos “gaúchos” no “cenário nacional”, apenas de uma maneira diferente: antes a exclusão se devia à geografia, e depois, a uma “má vontade” por parte do

centro. Tal idéia é parte da identidade riograndense, ligada a tal sentimento “periférico”, que se atualiza com as “crises de relacionamento” entre “gaúchos” e “brasileiros”, em que a partir da idéia de que o Rio Grande é rejeitado são enfatizadas as diferenças, mas também “o quanto os gaúchos fizeram pelo Brasil”, para justificar os pedidos de “melhor tratamento” pelo centro do país. Em 1967 podia-se lembrar, no âmbito futebolístico, do título pan-americano de 1956 – ou seja, “um bem à nação”. Porém, a conquista se deu antes da consolidação no próprio Estado do que é considerado o “estilo gaúcho”, implantado pelo Grêmio e que por ser semelhante ao europeu, representaria “o caminho que o Brasil deveria seguir”: quando em 1967 o presidente da CBD, João Havelange, defendeu que o futebol brasileiro precisava “modernizar-se” aos moldes europeus, a *Folha da Tarde Esportiva* afirmou que “Pelas palavras do sr. João Havelange, percebe-se que suas esperanças estão depositadas no desenvolvimento e progresso do futebol gaúcho”¹⁵⁶ – quando tal “estilo” ainda dizia respeito apenas ao Grêmio. E também é preciso levar em consideração a conquista, em 1966, da Taça Brasil pelo Cruzeiro: o futebol de Minas Gerais, considerado como equivalente, “deixava para trás” o Rio Grande do Sul.

Assim, explica-se a nova ocorrência em 1968 do incentivo da *Folha da Tarde Esportiva* à “união gaúcha” no “Robertão”, mesmo que no ano anterior o futebol riograndense tivesse demonstrado que tinha qualidade e também que era “rentável”. E também as queixas quanto à convocação da Seleção Brasileira para amistosos, por ter deixado de fora muitos “gaúchos de qualidade”.

Ou seja, a polêmica em torno da partida realizada em 1972 entre a “Seleção Gaúcha” e a Seleção Brasileira não foi a primeira das “crises de relacionamento” entre o Rio Grande do Sul e o restante do Brasil após a “afirmação do futebol gaúcho”. O acontecimento de 1972 representou um retrocesso: o Rio Grande do Sul, que havia também sido “campeão do mundo” em 1970 com a participação de Everaldo na Copa do Mundo, não tinha nenhum jogador na equipe que representaria o país em uma competição que, apesar de diminuída pela ausência das principais seleções européias, seria uma importante celebração da nacionalidade, por comemorar os 150 anos da independência do Brasil.

A ausência de jogadores de clubes do Rio Grande do Sul na Seleção, que desde o início do governo do general Emílio Garrastazu Médici – “gaúcho” de Bagé – se tornara mais do que a “pátria de chuteiras”, mas também símbolo do “Brasil potência” alardeado pela propaganda oficial, fez aumentar o sentimento de “marginalização” dos riograndenses,

¹⁵⁶ *Folha da Tarde Esportiva*, 5 de junho de 1967, p. 8.

mesmo que um deles fosse o Presidente da República: os governos estaduais eram nomeados por Brasília, e não resultavam em políticas mais favoráveis ao Estado, que no passado fora uma das economias mais fortes do Brasil, quando a pecuária era uma atividade rentável.

“O Rio Grande, ao qual se negara o pertencer a essa pátria vencedora, ia, uma vez mais, para a guerra contra a corte, ali no terreno em que melhor se consolidava a imagem da nação”¹⁵⁷. Em um período de forte repressão, o futebol era a única maneira de se emitir opiniões críticas na imprensa, que sofria censura em sua seção de política. Ainda mais se levado em consideração que o esporte fora tão utilizado pela ditadura para beneficiar-se politicamente. Como se pode inferir a partir das considerações de Pollak¹⁵⁸, tratava-se de oportunidade para a irrupção de ressentimentos quanto a questões que iam muito além do futebol, como a “marginalização dos gaúchos” e o próprio centralismo do regime militar.

Assim, com a persistência na *Folha Esportiva* da idéia de “marginalização” do futebol do Rio Grande do Sul – o que, se acontecia, não era exclusividade do Estado – reproduzia-se no âmbito futebolístico o sentimento característico da identidade riograndense, de que o Rio Grande era desconsiderado na decisão dos rumos do Brasil. Daí a aparentemente constante necessidade de afirmação da “brasilidade” do Estado.

¹⁵⁷ GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. 500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: a construção da “provincia de chuteiras”. In: *Anos 90*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000, n. 13, p. 48.

¹⁵⁸ Ver: POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, v. 2, n. 3, 1989, p. 5.

Conclusão

Por mais contraditório que pareça, podemos dizer que ao final do período estudado o futebol do Rio Grande do Sul estava integrado ao cenário nacional. Apesar da não convocação de Everaldo para a Taça Independência, Grêmio e Internacional disputavam regularmente o campeonato nacional, nem sendo cogitada sua exclusão da competição. Em 1972, a revolta contra a CBD deveu-se ao que foi considerada uma “perda de espaço” – embora a idéia de “marginalização” não houvesse desaparecido por completo das opiniões emitidas pela imprensa no Estado, como mostram as diversas colunas da Folha Esportiva que foram objeto de estudo neste trabalho.

Se o discurso de “marginalização” havia se mantido mesmo com a maior integração do futebol riograndense ao “cenário nacional” desde 1967, ele apresentou mais força com a “desconvocação” de Everaldo, símbolo de um “Rio Grande vencedor”. O que ia ao encontro das queixas quanto à não participação do Estado na decisão dos rumos do Brasil, mesmo que o presidente Médici fosse riograndense, e resultou no “desafio” dos riograndenses à Seleção Brasileira, símbolo máximo do “Brasil potência” do qual falava a propaganda oficial do regime militar. O jogo “em desagravo” a Everaldo era também uma resposta à pouca consideração que seria dada ao Rio Grande do Sul. Era também a única possibilidade da imprensa, sob censura, tecer críticas à situação vigente: se não ao governo, ao que este desejava transformar em símbolo de suas realizações, que era a Seleção.

Por que o futebol foi (e continua sendo) capaz de gerar tanta mobilização? Porque, conforme procurei demonstrar no primeiro capítulo, de um simples esporte ele se tornou também um símbolo de “civilização”, em que o perdedor aceitava a derrota sem recorrer às armas contra seu adversário – preceito válido também para a política parlamentar. O fato de sua difusão se dar a partir da Inglaterra, maior potência do século XIX e do início do XX, reforçou tal idéia.

E por ser um esporte coletivo, no qual o “espírito de equipe” se sobrepõe à individualidade, o futebol serve também para gerar uma identidade coletiva, que vai além do próprio time e se estende a seus adeptos. Sendo uma “representação da guerra”, travam-se “batalhas” simbólicas por noventa minutos entre coletividades – inclusive as nacionais, representadas pela equipe de onze jogadores.

O futebol não chegou ao Brasil por um único local. Embora se diga geralmente que sua difusão no país começou com a chegada de Charles Miller, no Rio Grande do Sul ela

se deu independentemente de São Paulo e Rio de Janeiro, a partir do porto de Rio Grande – e não se pode desconsiderar a influência dos países vizinhos, Argentina e Uruguai, onde o futebol já era praticado e com os quais o Rio Grande do Sul manteve inicialmente relações próximas, mais do que com São Paulo e Rio de Janeiro.

O relativo isolamento do futebol do Rio Grande do Sul em relação ao centro do país se deveu à distância, que encarecia as viagens e impossibilitava a realização de um campeonato nacional de clubes com participantes de diversos Estados. Tal idéia foi postergada até o fracasso da Seleção Brasileira na Copa de 1966, quando se decidiu ampliar o já existente Torneio Roberto Gomes Pedrosa, disputado até então por clubes de São Paulo e Rio de Janeiro, para Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul.

A ampliação do Torneio Roberto Gomes Pedrosa possibilitou ao futebol do Rio Grande do Sul, representado por seus principais clubes, Grêmio e Internacional, possibilidade de “afirmação nacional”. Se não se podia considerar o futebol riograndense completamente “esquecido” pelo centro do país – afinal, já representara o Brasil nos Campeonatos Pan-americanos –, ele era ultrapassado por Minas Gerais, com a conquista da Taça Brasil de 1966 pelo Cruzeiro. Tanto que seria tal “equivalência” que seria reivindicada pela Folha Esportiva em 1972, quando o Rio Grande do Sul não teve nenhum jogador convocado para a Seleção e Minas Gerais contou com quatro.

O sentimento “periférico”, manifestado na Folha Esportiva, permaneceu mesmo após a boa campanha “gaúcha” no Torneio Roberto Gomes Pedrosa de 1967, por ser ligado à identidade do Rio Grande do Sul: o gaúcho, transformado em símbolo do Estado, era considerado “o mais brasileiro dos brasileiros”, por ter “defendido com bravura” a fronteira meridional do país. Atenuado com a participação de Everaldo na conquista da Copa do Mundo de 1970 no México, retornou com força com a saída do mesmo jogador da Seleção Brasileira em 1972: depois do Rio Grande ter sido “campeão mundial” com a titularidade de Everaldo na Copa, ele era rejeitado pelo Brasil no momento da celebração do sesquicentenário da independência em um torneio de futebol.

No anseio de demonstrar sua “brasilidade”, o Rio Grande do Sul acabou consagrando uma idéia de que seria “menos brasileiro” – mesmo quando cumprisse o papel de “salvador da pátria”, como demonstra matéria intitulada “Um super-herói de bombacha”, publicada na revista *Placar* em agosto de 2001 e assinada por seu diretor de redação, Sérgio Xavier Filho, nascido em Porto Alegre. Na ocasião, o então técnico da Seleção Brasileira, Luiz Felipe Scolari, convencera a CBF a realizar a partida entre Brasil e

Paraguai, pelas Eliminatórias da Copa do Mundo de 2002, no Estádio Olímpico. Uma idéia aparentemente temerária para o jornalista da Placar, pela “exigência” dos riograndenses.

Mas o jogo foi para o Rio Grande do Sul, o estado menos brasileiro das unidades da federação. Um lugar onde se canta o Hino Riograndense depois do Hino Nacional nas solenidades oficiais, onde os personagens locais brilham com mais intensidade do que as estrelas nacionais. Trata-se do mesmo povo que vaiou Rivelino e Jairzinho em um jogo Seleção Brasileira x Seleção Gaúcha, em 1972.¹⁵⁹

Apesar do crescimento do futebol do Rio Grande do Sul após 1972, que se afirmou como força a nível nacional – e inclusive internacional –, ele continuou a enfrentar contestação da imprensa do centro do país, que em geral era prontamente rebatida pela local. O Internacional conquistaria na década de 1970 três títulos nacionais, sendo considerado inclusive um dos melhores times do mundo na época – a ele “atribuíam-se um inegável preparo físico, disciplina tática e conjunto, mas eram discutidas as condições técnicas dos seus jogadores”¹⁶⁰ – mesmo que contasse com jogadores que marcaram época justamente por sua alta técnica, como Paulo Roberto Falcão e Paulo Cesar Carpegiani. O mesmo se aplica ao Grêmio, campeão brasileiro em 1981 e 1996, da Taça Libertadores em 1983 e 1995, mundial em 1983: dizia-se que praticava um futebol “não brasileiro”, mesmo que a maioria dos titulares do “gaúcho” time de 1995, por exemplo, fosse de “não gaúchos” – dentre eles Dinho, considerado o jogador mais violento do time, mesmo que já tivesse sido campeão da Libertadores e mundial pelo São Paulo, em 1993, sem maiores contestações. O futebol do Rio Grande do Sul aumentaria sua afirmação a nível nacional e internacional com as conquistas da Libertadores e do Mundial pelo Internacional em 2006: Porto Alegre passava a contar com dois clubes campeões mundiais, distinção que poucas cidades no mundo têm.

Mesmo assim, o discurso de “marginalização” ao futebol riograndense segue corrente na imprensa esportiva do Estado – influenciando a opinião dos torcedores de Grêmio e Internacional. Tanto na questão “erros de arbitragem” – que uma análise desapassionada revela que ocorrem não somente contra os clubes do Rio Grande do Sul –, como sobre regulamentos de campeonatos¹⁶¹ ou em relação à Seleção Brasileira, embora

¹⁵⁹ *Placar*, 21 de agosto de 2001, p. 32.

¹⁶⁰ GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. Op. Cit., p. 47-48.

¹⁶¹ O colunista Hiltor Mombach, do jornal *Correio do Povo*, afirma que o atual regulamento do Campeonato Brasileiro é prejudicial aos clubes do Rio Grande do Sul. Porém, desde sua adoção a desempenho de Grêmio e Internacional melhorou: o Grêmio enfrentou uma péssima fase em 2003 e 2004, e disputou a Série B em 2005, mas desde 2006 tem terminado o campeonato entre os dez melhores, e chegou à última rodada em 2008 com chance de título; já o Internacional, desde a adoção da atual fórmula de disputa sempre termina o campeonato entre os dez melhores, tendo sido vice-campeão em 2005 (quando foi claramente prejudicado, e mesmo assim chegou à última rodada com chance de título) e 2006.

atualmente se verifique o contrário do que aconteceu em 1972: houve reclamação quanto à recente convocação de jogadores de Grêmio e Internacional para a Copa das Confederações de 2009, enquanto os clubes disputavam jogos decisivos – o Grêmio na Taça Libertadores e o Internacional na Copa do Brasil – o que levou o colunista Hiltor Mombach a reclamar que o técnico Dunga, considerado símbolo da “garra gaúcha”, prejudicava o “futebol gaúcho”.

O gaúcho Dunga convocou Victor e Nilmar para a Seleção. Tirou do Grêmio o melhor jogador do sistema defensivo, e do Inter, o melhor atacante. Tirou quando o Grêmio está por encarar as fases mais difíceis da Libertadores e o Inter entrou para a semifinal da Copa do Brasil. Leva Victor para ser reserva de luxo. O gaúcho Dunga não desfalcou o Fla. Ibson e Juan, ótimos jogadores, seguirão servindo ao clube no Brasileiro.¹⁶²

Além de Victor e Nilmar, Dunga também convocou Kléber, do Internacional, lateral esquerdo tal como Juan, do Flamengo – que para Mombach, deveria ter sido convocado.

A única diferença entre as “afrontas ao futebol gaúcho” da atualidade e as do final da década de 1960 e início da de 1970, é que atualmente os clubes do Estado são grandes forças do futebol nacional e internacional, contando com importantes conquistas em seus históricos, as quais eles não detinham em 1972. Assim, as conquistas atuais servem não para “afirmação”, e sim para “lembrar” ao centro do país a importância do futebol no Estado. Embora já em 1967 fosse lembrada a “força do futebol gaúcho”, que conquistara o título Pan-americano de 1956.

Tudo isso se relaciona bem com a identidade riograndense, “periférica”, idéia que precisa ser constantemente atualizada, de modo a seguir fazendo sentido. Em 1967 e 1968 tratava-se de “afirmar o futebol gaúcho”, no caso os clubes; em 1970 o Rio Grande fazia parte de uma Seleção Brasileira que é considerada das melhores já formadas até hoje, embora já tivesse anteriormente contado com um maior espaço (cinco jogadores de Grêmio e Internacional haviam sido convocados para a Copa Rio Branco em 1967, contra apenas um, Everaldo, para a Copa do Mundo de 1970); em 1972 acontecia um completo “retrocesso”, com Everaldo ficando de fora: mesmo não estando em boa fase, sua substituição por um jogador considerado mediano era contestável.

Já em 2009, a queixa não foi quanto aos “gaúchos ignorados”, e sim, pelos lembrados: Grêmio e Internacional sentiam-se prejudicados devido aos desfalques causados pela convocação de seus jogadores. É o mesmo sentimento de que o “Rio Grande é prejudicado”, que apenas sofreu uma atualização.

¹⁶² *Correio do Povo*, 22 de maio de 2009, p. 27.

Relação de fontes consultadas

Centro de pesquisa e jornais da Empresa Jornalística Caldas Júnior

Jornal *Folha da Manhã*, caderno “Folha Esportiva”. Período: junho de 1970.

Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa

Jornal *Folha da Tarde Esportiva*. Períodos: fevereiro a junho de 1967, agosto a dezembro de 1968, abril, setembro e outubro de 1969.

Jornal *Folha da Manhã*, caderno “Folha Esportiva”. Períodos: junho de 1970 e abril a junho de 1972.

Revista *Placar*, edição de 26 de maio de 1972.

Fontes de posse do autor

Revista *Placar*, edição de 21 de agosto de 2001.

Fontes disponíveis na internet

Jornal *Correio do Povo*, edição de 22 de maio de 2009. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/Jornal/A114/N234/HTML/>>, acesso em 30 de novembro de 2009.

RSSSF Brasil. História da Copa do Brasil. Disponível em: <<http://www.chancedegol.com.br/rsssfbrazil/tables/brcuphst.htm>>, acesso em 30 de novembro de 2009.

RSSSF Brasil. Arquivo da Seleção Brasileira Principal, 1967-1968. Disponível em: <<http://www.chancedegol.com.br/rsssfbrazil/sel/brazil196768.htm>>, acesso em 30 de novembro de 2009.

Referências bibliográficas

AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2002.

_____. Nós e Ellos, Nosotros y Eles – Brasil x Argentina: Os Inimigos Fraternos. In: SILVA, Francisco C. T. & SANTOS, Ricardo P. *Memória social dos esportes*. Futebol e política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2006.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BECKER, Jean Jacques. A opinião pública. In: REMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

BOURDIEU, Pierre. A opinião pública não existe. In: THIOLENT, Michel. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo: Editora Polis, 1982.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. *A Economia das Trocas Lingüísticas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

_____. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

DAMATTA, Roberto. *A bola corre mais que os homens*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DAMO, Arlei Sander. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

_____. Excertos de história social do futebol gaúcho e sua especificidade em relação ao Brasil. In: *Verso & Reverso*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, jan.-jun. 2002, n. 34.

ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. *Deporte y Ocio en el Proceso de la Civilización*. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1992.

FRAGA, Gerson Wasen. *A “derrota do Jeca” na imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950*. Porto Alegre: UFRGS/IFCH, 2009. Tese de doutorado.

_____. *Branco e Vermelho: A Guerra Civil Espanhola através das páginas do jornal Correio do Povo (1936-1939)*. Porto Alegre: UFRGS/IFCH, 2004. Dissertação de mestrado.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Dança dos Deuses: futebol, cultura e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. 500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: a construção da “província de chuteiras”. In: *Anos 90*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000, n. 13.

_____. O dia em que o Rio Grande vaiou o Brasil. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009, n. 48, p. 47-51.

HOBBSAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____; RANGER, Terence (org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. O futebol da canela preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre. In: *Anos 90*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, n. 11, 1999.

_____. *A Bola nas Redes e o Enredo do Lugar: por uma Geografia do Futebol e de seu Advento no Rio Grande do Sul*. São Paulo: USP, 2001. Tese de doutorado.

NORONHA, Nico; COIMBRA, David. *A História dos Grenais*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994.

OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação*. Petrópolis: Vozes, 1992.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Nação e região: diálogos do “mesmo” e do “outro” (Brasil e Rio Grande do Sul, século XIX). In: *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, v. 2, n. 3, 1989.

RIGO, Luiz Carlos. *Memórias de um futebol de fronteira*. Pelotas: Editora da UFPel, 2004.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

TOSIN, Moari. *Futebol e identidade: entre o Estado e a Nação (Caso dos “Mandarins Colorados” e o Sport Club Internacional nos anos 1969-1971)*. Porto Alegre: UFRGS/IFCH, 2008. Trabalho de conclusão de curso.

Anexos



5 de março de 1967: primeira rodada do “Robertão”.
Clássico Gre-Nal nº 181: os dois times juntos na foto.



Bandeiras de Grêmio e Internacional
tremulam juntas no Estádio Olímpico
(maio de 1967).



No “Robertão” de 1967, ninguém cogitou a possibilidade
de o Grêmio “entregar” para prejudicar o Internacional.



Começa mais um “Robertão” (setembro de 1968).



Cena corriqueira de 1969 a 1974: o general Emílio Garrastazu Médici (à esquerda), presidente do Brasil, em um estádio de futebol.



Everaldo, o “herói nacional dos gaúchos” na Copa de 1970.



O carro ganho por Everaldo pela atuação na Copa no qual ele tragicamente perderia sua vida em 1974.



Corte de Everaldo: Antônio Carlos Porto sugere boicote à "Minicopa" em Porto Alegre (16 de maio de 1972).



João Havelange vira "Jean Marie", seu nome de batismo, depois de acusar os gaúchos de "falta de brasilidade".



Folha Esportiva, capa de 17 de junho de 1972.



Opinião de Lauro Quadros no dia do jogo.



Faixa levada por torcedores ao Estádio Beira-Rio em 17 de junho de 1972.